

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
E CULTURA

MARIA FERNANDA FERNANDES DA SILVA

A DIMENSÃO DO PRAZER NA PERVERSÃO

BRASÍLIA

2010

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
E CULTURA

MARIA FERNANDA FERNANDES DA SILVA

A DIMENSÃO DO PRAZER NA PERVERSÃO

Dissertação apresentada à banca examinadora da Universidade de Brasília como requisito parcial na obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura, sob a orientação do Prof. Doutor Luiz Augusto Monnerat Celes.

BRASÍLIA

2010

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
E CULTURA

Comissão examinadora:

Prof. Dr. Luis Augusto Monnerat Celes – Presidente – Universidade de Brasília

Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana – Membro – Universidade de Brasília

Profa. Dra. Estela Ribeiro Versiani – Membro – Escola Superior de Ciências da Saúde e
IESB

Profa. Dra. Daniela S. Chatelard – Suplente – Universidade de Brasília

BRASÍLIA

2010

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pela colaboração e apoio em mais uma jornada de estudos.

À Maria Luísa, filha, pelo doce olhar que me faz entender um pouco mais sobre a vida.

Ao irmão, Hugo, e Fernanda, pelo companheirismo.

Ao professor Luiz Augusto M. Celes, pela liberdade na orientação e incentivo à criação.

Aos professores do Curso de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura, em especial Tânia Rivera e Maria Izabel Tafuri, pelas empolgantes discussões.

À banca examinadora, professoras Terezinha C. Viana, Estela R. Versiani e Daniela S. Chatelard, pelas contribuições.

Aos colegas e amigos, Veridiana, Nara, Ageu, Cristina, Juracy, João Luiz, Juliana, Luíza, Goiaci, Erotildes, Kálita, Marco Aurélio, que contribuíram para as discussões da clínica psicológica e seus impasses.

Aos usuários/pacientes dos serviços de saúde do Hospital Materno-Infantil, CAPS Beija-Flor, Centro de Internação para Adolescentes e Ministério da Saúde, em Goiânia, que me inspiraram a prosseguir com esta pesquisa.

RESUMO

O presente estudo objetiva compreender a relação entre a estrutura perversa e o prazer e justifica-se na fertilidade dessa relação para a teoria psicanalítica e para a prática clínica. Evidencia que a estruturação do perverso se marca pela recusa da castração e pelo desafio às leis que regem o complexo de Édipo. Percebe a existência de uma lógica de prazer marcada pelo narcisismo e pela destituição da alteridade, encontrando nos objetos de satisfação sexual apenas a garantia do acesso ao prazer. O percurso para a obtenção desse prazer torna-se dependente de um contrato perverso, com cláusulas rígidas e imutáveis, que visa encenar, de forma repetitiva, o momento do horror à castração, na tentativa de dominá-lo. Compreende-se que o fetichismo, como monumento à castração, também faz parte dessa encenação, e sua criação efetiva-se pelo processo de cisão do ego. Para desenvolver essas considerações, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de autores da teoria psicanalítica que problematizam sobre o tema, bem como feita uma análise de fragmentos de casos clínicos atendidos pela pesquisadora em uma instituição de internação para adolescentes em conflito com a lei na cidade de Goiânia. O trabalho conclui que há uma dimensão de prazer específica na perversão, com manifestações diferenciadas encontradas no exibicionismo, no voyeurismo, no sadismo e no masoquismo, porém pautadas por um núcleo comum, que é a recusa da castração, da diferença sexual e o desafio à lei.

Palavras-chave: perversão; estrutura perversa; prazer; recusa da castração; diferença sexual; desafio.

ABSTRACT

The present study objectives to understand the relation between the perverse structure and the pleasure. It is justified in the fertility of this relation for the psychoanalytic theory and for the clinical practice. It evidences that the structure of the perverse one will be marked by the refusal of the castration and the challenge to the laws that conduct the Oedipus complex. It perceived the existence of a logic of pleasure marked by the narcissism and the destitution of the alterity, finding in objects of sexual satisfaction only the guarantee to the access of pleasure. The path for the attainment of this pleasure becomes dependent of a perverse contract, with rigid and invariant clauses, that plays repeatedly the moments of horror of the castration, in the attempt to dominate it. It is understood that the fetishism, as monument to the castration, also is part of this play and its creation is accomplished for the process of split of the ego. To develop these considerations, a bibliographical research through the authors of the psychoanalytic theory who discuss on this subject, as well as the analysis of fragments of clinical cases taken care by the researcher in the scope of an institution of internment for adolescents in conflict with the law in the city of Goiânia. It concluded that it has a specific dimension of pleasure in the perversion with different manifestations found in the exhibitionism, the voyeurism, the sadism and the masochism, however guided in a common nucleus that is the refusal of castration, the sexual difference and the challenge of law.

Keywords: perversion; perverse structure; pleasure; refuse of the castration; sexual difference; challenge.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - COMPREENSÃO DA PERVERSÃO NA PSICANÁLISE: DA SEXUALIDADE INFANTIL À ESTRUTURA PERVERSA	15
<i>1.1 FREUD E A TEORIA DA SEXUALIDADE: INÍCIO DE UMA CONSTRUÇÃO</i>	<i>19</i>
<i>1.2 TEORIAS INFANTIS, FANTASIAS E O DESEJO DE SABER</i>	<i>25</i>
<i>1.3 AS VICISSITUDES DO COMPLEXO DE ÉDIPO</i>	<i>28</i>
<i>1.4 PIERA AULAGNIER: A PERVERSÃO COMO ESTRUTURA</i>	<i>31</i>
CAPÍTULO 2 - HORROR À CASTRAÇÃO	40
<i>2.1 O NARCISISMO NA LÓGICA DA PERVERSÃO</i>	<i>41</i>
<i>2.2 FETICHISMO: MONUMENTO À CASTRAÇÃO</i>	<i>53</i>
<i>2.3 LEI E TRANSGRESSÃO</i>	<i>59</i>
CAPÍTULO 3 - A DIMENSÃO DO PRAZER NA PERVERSÃO	63
<i>3.1 CONTRATO PERVERSO, EXIBICIONISMO E VOYEURISMO</i>	<i>64</i>
<i>3.2 MASOQUISMO E SADISMO: DELEUZE E A VÊNUS DAS PELES</i>	<i>70</i>
CAPÍTULO 4 - PERVERSÃO, CLÍNICA E CULTURA	79
<i>4.1 O OLHAR, O SABER E A PERVERSÃO EM MARCELO</i>	<i>80</i>
<i>4.2 CASO BETO: DESTINOS DA PERVERSÃO NA CULTURA</i>	<i>87</i>
CONCLUSÃO	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

INTRODUÇÃO

Nosso estudo busca investigar a relação existente entre a estrutura perversa e o prazer no âmbito da teoria psicanalítica. Entende que a dimensão do prazer é o caminho percorrido pelo sujeito diante de seu desenvolvimento sexual, cujos elementos vão formar uma organização psíquica específica para uma determinada forma de obtenção de prazer. Busca, portanto, elucidar que tipo de prazer encontra-se fundado na economia libidinal perversa. Para tanto, apreende os elementos necessários para definir um desenvolvimento psicosssexual que culmina especificamente na perversão.

Nosso argumento é o de que o prazer na perversão é delineado pelo narcisismo e pela destituição da alteridade, estruturado psiquicamente pela recusa da castração, pela recusa da diferença sexual e pelo desafio à lei do incesto (Aulagnier, 2003). Nesse núcleo narcísico, a constituição do fetichismo busca manter a presença visível da ausência do pênis da mãe (Rosolato, 1969), cuja fixação à cena de horror à castração faz com que essa retorne constantemente, na tentativa de transformar esse horror em potência ao gozo (Aulagnier, 2003).

Para definir a configuração de uma estrutura perversa, o estudo retoma os inícios da elaboração freudiana sobre a sexualidade constante no artigo *Três ensaios para uma teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1981). Nele, Freud expõe suas descobertas a respeito da sexualidade infantil, na qual a existência de prazer nas zonas erógenas, aliado às fantasias e teorias sexuais, diferencia-se dos pressupostos psiquiátricos da exclusividade da determinação biológica da sexualidade, cujo fim seria a procriação. Em Freud (1905/1981), a sexualidade infantil ganha contornos e passa a

ser definitiva para a compreensão da sexualidade humana em todas as suas manifestações.

Quanto à perversão, Freud irá atribuí-la como componente da sexualidade, retirando-a da noção de degeneração que até então a definia no campo da psiquiatria. A perversão como elemento constitutivo da sexualidade infantil garante determinadas formas de satisfação de acordo com as experiências de prazer nas zonas erógenas específicas de cada fase do desenvolvimento sexual. Porém, a presença de germes da perversão na sexualidade infantil não garante a constituição de uma estrutura perversa. Para tal, é necessário um trabalho psíquico específico diante dos pontos de inibição apresentados no percurso do desenvolvimento sexual (Celes, 1995a). Esse trabalho psíquico levará a estruturação perversa a um percurso específico para a consecução do prazer.

Para Aulagnier (1985), os destinos do prazer são fundamentais para a estruturação psíquica do sujeito. A forma com que este investe libidinalmente nos objetos exteriores e como recebe o investimento desses objetos define um tipo de prazer, necessário ou suficiente, que perdurará ao longo de seu desenvolvimento sexual. A inscrição das representações do prazer, por exemplo, na fala da mãe que acaricia o corpo do bebê, se tornará fonte de uma futura constituição da imagem corporal, garantindo um prazer necessário que, somado ao prazer suficiente (fundado na escolha futura dos objetos de prazer), propiciará a estruturação do sujeito.

Na prática clínica como psicóloga do Centro de Internação para Adolescentes em conflito com a lei na cidade de Goiânia, pudemos perceber, em um grupo de jovens com idade entre 15 a 18 anos, a busca pelo prazer através de ações de roubos, furtos e homicídios. Tais ações não consideravam o outro como sujeito, mas

como um objeto a mais pelo qual se garantiam satisfações, acarretando o que o grupo mesmo denominava de “a adrenalina por estar contra a lei”. Eram adolescentes que se diziam aventurar de forma a ultrapassar limites e leis estabelecidas, muitas vezes sem temer a própria morte. Quando estavam em liberdade saíam da convivência de suas famílias, buscando o prazer a qualquer custo. Não era a primeira internação de alguns e já haviam passado outras vezes pela instituição.

A adrenalina é uma coisa boa, entende... é uma força que a gente sente. Algo bom que envolve perigo. (Beto, 17 anos).

Tudo começou na escola. Foi lá que conheci outros garotos que já usavam drogas e faziam bagunça. Eu quis entrar nisso também. Na época não sabia por que queria entrar. Apenas percebi que era divertido. Hoje eu acho que fiz o que fiz pela adrenalina. Essa coisa de aventura, correr da polícia... eu adorava correr da polícia e ver depois que eles não me pegavam. Quando eu via que eu tinha conseguido escapar, eu ficava rindo. Rindo da cara deles. (Beto, 17 anos).

No contraponto dessas atuações impulsivas, desvelou-se também um sentimento de vazio, que, se não fosse constantemente encoberto pelo gozo incessante, produzia uma angústia por vezes insuportável para o sujeito. Como aponta Freud (1914a/1981), a descarga da energia pulsional acontece pela via da passagem ao ato, diminuindo os recursos de simbolização e, conseqüentemente, os processos de elaboração dos conteúdos traumáticos.

Tomando como referência essa questão pulsional formulada por Freud (1915/1981), as possibilidades de mediação das pulsões pelo aparelho psíquico parecem

diminuídas e as satisfações ainda estão ligadas ao processo primário, no qual a descarga é imediata.

Ao se depararem com a castração, os adolescentes agiam de forma a recusá-la. Se a recusa da castração na perversão é o que a define em termos de estrutura psíquica, é a possibilidade da castração enquanto processo simbólico, internalizado pelo sujeito, que garante sua inserção nas leis fundamentais que regem a cultura. A castração, ainda que recusada, deixa sua marca presente.

No discurso singular desses sujeitos, ainda foi possível apreender determinada configuração familiar que nos remeteu às vicissitudes do complexo de Édipo na estruturação da perversão. Centralizada na figura materna, a função paterna é frágil ou desqualificada pela mãe. Mesmo assim, o pai permanece desejado enquanto figura capaz de garantir limites, capaz de castração. No entanto, pela sua própria impotência (por estar morto, também praticar roubos ou estar preso), não consegue garantir a entrada do filho na lei, conforme as preposições de Freud (1924b/1981) sobre a dissolução do complexo de Édipo. Essa lei edipiana, então, será revirada pelo humor e pela ironia e a punição será um apanágio para o prazer masoquista (Deleuze, 1983).

A atuação está presente pela via da transgressão da lei, cujo elemento estrutural é o desafio. Há uma necessidade de não se curvar às leis, como se isso implicasse a perda de algo valioso para os sujeitos. O desafio se estrutura justamente para tamponar a verdade da castração, vivenciada na forma de um horror (Aulagnier, 2003).

Destarte, a saída para a angústia de castração parece ser o rearranjo, a produção de uma nova cena, que remeterá o sujeito à mesma cena do trauma, da condição de castração, na qual buscará eximir-se da submissão à realidade da percepção

da diferença dos sexos. Essa atuação se dará tanto dentro como fora da situação analítica. É a possibilidade que o sujeito tem de não se entregar à condição da castração. E é na repetição dessa situação que podemos apontar de forma mais precisa o funcionamento perverso.

Ademais, a existência de um trabalho psíquico específico na perversão aponta para a necessidade de aprofundar o conhecimento dessa forma de organização da vida psíquica. E a psicologia clínica, que tem sido convocada a lidar com as mais diferentes formas de funcionamento psíquico, deve buscar compreender os mais variados fenômenos que envolvem esse trabalho.

Assim, diante dessas questões clínicas provocadoras e através do aporte teórico da psicanálise, a pesquisa pretende compreender a especificidade da organização psíquica da perversão na sua relação com a dimensão do prazer. Com esse objetivo geral, procura articular a perversão e o prazer através dos processos de subjetivação implicados na estrutura perversa e nas suas manifestações através do exibicionismo, do voyeurismo, do sadismo e do masoquismo.

No seu desenvolvimento, e com o objetivo de elucidar algumas questões teóricas, realizou uma pesquisa bibliográfica nos textos psicanalíticos de autores que discutem o tema, utilizou a análise de fragmentos de dois casos clínicos atendidos pela pesquisadora e se estruturou na forma como se segue.

O primeiro capítulo evidencia a perversão como componente da sexualidade infantil polimorfo-perversa (Freud, 1905/1981): nas fantasias e teorias infantis, a busca por um saber sobre a sexualidade impulsiona a criança a levantar a hipótese da universalidade do pênis, teoria que se torna fundamental nos caminhos de sua sexualidade. Após a visão do sexo feminino, o menino se recusa a aceitar a

diferença sexual e continua a manter sua crença na existência exclusiva do pênis. A vontade de saber na perversão, então, será conduzida pelo prazer advindo da recusa da realidade da existência de um não-sabido (Clavreul, 1969). Diante disso, a relação da criança com as figuras parentais garantirá ou não a internalização das leis que regem o complexo de Édipo e as vicissitudes das fantasias perversas (Freud, 1919/1981). Assim, a estruturação da perversão se dará a partir da recusa da castração, da diferença sexual e do desafio à lei (Aulagnier, 2003).

O segundo capítulo discute o horror à castração como momento determinante para a estrutura perversa (Aulagnier, 2003). O narcisismo, o fetichismo, a lei e a transgressão vão subsidiar uma dimensão do prazer cujo retorno ritualístico à cena do horror à castração se converterá em meio de obtenção de prazer. Diante da clivagem do ego definida por Freud (1938[1940] /1981), a organização psíquica na perversão demonstra seguir um caminho marcado pela transformação da dor em prazer, da degradação em recompensa narcísica e do horror da castração em gozo.

O terceiro capítulo define a dimensão do prazer na estrutura perversa a partir de suas relações com a clínica psicanalítica, sendo o exibicionismo e o voyeurismo estruturantes, levantando as relações de prazer em ver e ser visto e, a partir da análise de Deleuze (1983) da obra literária *As Vênus das peles*, de Sacher-Masoch, levantam-se as divergências e convergências entre o sadismo e o masoquismo, enfocando as relações de prazer em sentir e provocar dor.

O quarto capítulo articula alguns fragmentos de dois casos clínicos atendidos – caso Marcelo e caso Beto – com as respectivas elaborações teóricas apresentadas. Os casos foram atendidos no Centro de Internação para Adolescentes em conflito com a lei, de Goiânia. Evidencia, no caso Marcelo, a relação entre o

voyeurismo, o exibicionismo, o contrato perverso e sua posição de desafio diante do analista; no caso Beto, propõe uma compreensão a partir das considerações de Birman (2007a) sobre o “estilo perverso de ser” na atualidade. Em ambos, ressalta os destinos da perversão na relação com a dimensão de prazer.

CAPÍTULO 1

COMPREENSÃO DA PERVERSÃO NA PSICANÁLISE: DA SEXUALIDADE INFANTIL À ESTRUTURA PERVERSA

Este capítulo introduz o tema da perversão a partir da psicanálise freudiana, fundamentalmente em seus conceitos de sexualidade infantil e complexo de Édipo. No desdobramento dessa teoria, a psicanalista francesa Piera Aulagnier (2003) define a perversão enquanto estrutura psíquica determinada pelos elementos de recusa da castração e desafio à lei do incesto.

Vale pontuar que a tentativa de compreensão científica da perversão antecede os conceitos psicanalíticos, diferenciando-se deles. Segundo Michael Foucault (2007), antes mesmo das investigações de Freud, a perversão era objeto comum no discurso científico, que, de forma mais específica, buscava delimitá-la enquanto desvio sexual referente a um padrão de normalidade e degeneração, classificando suas diferentes formas de manifestação para fins de nosografia e de controle social.

Foucault (2007) realiza uma análise histórica da sexualidade, tomando como objeto o discurso sobre o sexo e a sexualidade a partir do século XIX. Para a ciência, era preciso fazer com que os sujeitos adeptos de qualquer tipo de perversão confessassem suas práticas de forma cada vez mais detalhada, a fim de revelar as nuances de sua desorganização, colocando em pauta a importância da sexualidade na constituição humana: das relações privativas, no quarto do casal, às ligações com a política e com o saber.

Também, no século XVIII, a perversão era considerada “coisa do demônio”, sendo os comportamentos submetidos ao gosto pelo vício, pela sedução e pecados, objetos de expiação religiosa. No entanto, o suplício infligido ao corpo como prova do amor a Deus, tomando como exemplo maior a paixão de Cristo, era mitificado e valorizado enquanto ritual de sacrifício ao Bem Supremo. (Roudinesco, 2008).

Essa aparente contradição revela o quanto a “parte maldita” do humano, seja no prazer dos vícios, seja nos suplícios, fazia parte de uma ordem social (Roudinesco, 2008), isto é, aprofundar-se nas mazelas do mundo ou redimir-se buscando a salvação seriam as duas faces de uma mesma moeda no câmbio da sociedade ocidental cristã desse período. O que separava o abjeto do sublime era uma linha tênue.

Mas foi nos finais do século XIX, época em que o Iluminismo e a ciência emergiram como discursos do poder, destituindo a religião como poder maior e laicizando o Estado, que as práticas de flagelação passaram a fazer parte dos manuais de psiquiatria. Eram também consideradas como atos perversos sexuais voluntários, fazendo parte de uma relação dominador e dominado. Esse marco é apontado, no campo da literatura, pela obra de Leopold Sacher-Masoch, *As Vênus das Peles*, publicada em 1870.

Nesse momento, o referencial da disciplina se torna o apanágio das perversões, segundo Roudinesco (2008). Tanto do lado da ciência médica e dos juristas como dos praticantes das flagelações, a disciplina se tornaria, para os primeiros, a certeza de uma classificação nosográfica e, para os segundos, a de uma transgressão cujas regras deviam ser rigidamente respeitadas.

Na psiquiatria, as contribuições de Krafft-Ebing sobre as psicopatias sexuais, de 1886, e os estudos de Havelock Ellis, de 1898, sobre a sexualidade descreviam as diversas formas de perversões na homossexualidade, no sadismo e no masoquismo (Roudinesco, 2008).

Com o Marquês de Sade, no entanto, a perversão torna-se sinônimo de libertinagem, tendo a lei da natureza como fundamento (Roudinesco, 2008). Em sua obra *Os 120 Dias de Sodoma*, Sade (1785/2006) constrói um cenário marcado pelos limites do castelo de Silling, onde surgem os mais extremos atos de devassidão, minuciosamente controlados e previsíveis, cujo objetivo é o prazer absoluto, sem nenhum véu ou máscara do amor. Contudo, mesmo com todos os preparativos e os mais experientes personagens libertinos criados (Curval, Durcet, Blangis e o Bispo), sua obra já questiona o quanto a busca por um gozo interminável determina uma forma de funcionamento psíquico cujas leis são rígidas, chegando mesmo à destruição do próprio sujeito.

Ao final de seu texto, Sade (1785/2006) descreve as ações de destruição e auto-extermínio pelas quais passaram os libertinos do castelo, construindo uma tabela com os escores dessas destruições e detalhando, em cada movimento dos corpos torturados, algum tipo de mutilação (pelo fogo, pelas brasas, venenos, estrangulamentos, dentre outros). Esse final é o objetivo que ele vai definir como o apogeu dos 120 dias na Escola de Libertinagem. A erotização da violência, presente na forma de rituais, delimita o prazer do qual se reveste o sujeito perverso, que será acompanhado pela dor e pela repetição incessante de rituais de sacrifício.

Para Roudinesco (2008), a intenção sadiana é a de desnudar a natureza humana em seus mais recônditos desejos, deixando à mostra a sua parte obscura,

reivindicando os prazeres. Sade traz, no centro de sua construção literária, uma concepção moderna de perversão. Muitos são os psicanalistas que, apoiados em suas obras, discutem a questão da perversão em seus mais diversos enfoques.

Mas o que a psicanálise inaugura no campo da perversão?

A perversão no campo da psicanálise vai ser compreendida, segundo Roudinesco (2008), como “a parte obscura de nós mesmos”, para além do discurso psiquiátrico, cujo enfoque são as manifestações sintomatológicas e sua classificação como degenerescência.

É no campo psicanalítico, segundo Chasseguet-Smirgel (1991), que irá se situar a maior contribuição para a compreensão da organização psíquica da perversão, elaborando concepções referentes à estrutura e economia libidinais. A perversão encontra-se dentro da dimensão da psique humana e, com mecanismos psíquicos próprios, o perverso revela a forma como se insere na cultura, mais especificamente como lida com os limites da realidade.

Diante disso, coexistem na psicanálise duas vertentes de pensamento sobre o tema, segundo Ferraz (2005): de um lado, uma concepção pautada pela sintomatologia, encontrada principalmente na elaboração freudiana inicial do artigo *Três Ensaio para uma Teoria da Sexualidade* (Freud, 1905/1981), quando a perversão será definida a partir da construção da teoria sobre a sexualidade; e uma outra vertente, que estaria voltada para as relações de transferência encontradas no âmbito da análise, pondo à prova os mecanismos psíquicos utilizados pelo perverso e o desejo do analista de engajar-se na chamada clínica da perversão, ou a própria condição de desafio que implica a aceitação (ou a não aceitação) de analisar um perverso que o procura.

Segundo Ferraz (2005), as duas vertentes não são excludentes, mas convergem para o entendimento do tema de forma metodológica diferenciada. A compreensão do sintoma e a relação transferencial do perverso possibilitam elucidar o modo de funcionamento da organização perversa dentro ou fora da clínica psicanalítica.

Assim, iniciaremos nossas discussões aproximando-nos da vertente sintomatológica (Ferraz, 2005) para, posteriormente, avançarmos nas construções teóricas referentes à estrutura perversa e à relação transferencial.

1.1 FREUD E A TEORIA DA SEXUALIDADE: INÍCIO DE UMA CONSTRUÇÃO

É a partir do estudo sobre a sexualidade que Freud revela a perversão como constituinte do psíquico, especificamente no artigo *Três ensaios para uma teoria da sexualidade* (1905/1981). A sexualidade infantil será a base da constituição da sexualidade humana, momento em que a psicanálise irá diferenciar-se da posição de classificação diagnóstica das chamadas patologias sexuais.

Mesmo que a intenção freudiana desse trabalho não tenha sido estabelecer uma teoria específica da organização psíquica perversa, ele aponta-lhe um lugar diferenciado à medida que sustenta a presença de “germes” da perversão no desenvolvimento da sexualidade infantil e mesmo nos posteriores desenvolvimentos sexuais que avançam para a fase genital (Celes, 1995a).

Poucos anos antes, Freud já vinha analisando, em seus casos clínicos, as complexas relações entre o adoecimento histérico e a sexualidade, cuja representação maior encontra-se no “Caso Dora” (1901[1905] /1981). As conclusões a que chegaria na análise de Dora evidenciariam a função da sexualidade na constituição da subjetividade.

Em uma das recordações de Dora, por exemplo, a de ser beijada pelo Sr. K, a excitação sexual transformara-se em desprazer, através da atuação do mecanismo de recalque, produzindo repugnância e desencadeando seus sintomas histéricos.

Ainda, mesmo que, no caso Dora, Freud (1901[1905] /1981) tenha voltado sua atenção para os mecanismos da histeria, aponta como desencadeante da neurose a presença de fantasias perversas. A neurose, portanto, não estaria na rejeição da sexualidade, mas na da perversão. A síntese que representa essa primeira fase da concepção freudiana é, segundo Chasseguet-Smirgel (1991), “a neurose como o negativo das perversões”, encontrada nos *Três Ensaio para uma teoria da sexualidade* (1905/1981), em que o acento recai nessa comparação empreendida entre neurose e perversão.

Em 1920, após reeditar esse artigo, Freud afirma que o seu interesse maior é a investigação que a técnica psicanalítica permite da vida sexual dos indivíduos, acentuando a “importância da vida sexual para todas as atividades humanas e a ampliação do conceito de sexualidade” (Freud, 1905/1981, p. 1171). Na análise dos neuróticos, na emergência das recordações da vivência do infantil, descobriu a sexualidade polimorfo-perversa, ampliando essas descobertas a partir da atividade sexual da criança bem como da dos perversos. O argumento era de que, enquanto na neurose os germes da perversão encontravam-se na fantasia, os perversos transformavam essa mesma fantasia em ação.

Nesse sentido, Freud apontou os limites e impasses de uma concepção da sexualidade que partia da biologia e nela se esgotava, pois o percurso da construção sexual não encontra total apoio nas funções biológicas. Da mesma forma, não se inicia

com a puberdade, pois, ao contrário, existe um desenvolvimento sexual processual e complexo que leva em conta a vida psíquica desde o infantil.

Assim, a disposição polimorfa perversa da sexualidade infantil pode ser evidenciada através de suas manifestações sexuais, por exemplo, quando a criança, seduzida por um adulto, pode evidenciar qualquer tipo de possibilidade sexual sem limites, ou mesmo na masturbação ou na sucção do polegar. Há ainda crianças que encontram prazer na exibição do próprio corpo e aquelas que, como expectadoras, interessam-se pela visão dos órgãos genitais de outras pessoas.

Os germes das perversões aí presentes manifestam-se na atividade sexual infantil justamente porque as barreiras do recalamento (repugnância, pudor, moral) ainda estão pouco desenvolvidas. A busca é pela satisfação sexual através da estimulação das zonas erógenas (Freud, 1905/1981). Assim, as atividades sexuais infantis perversas podem ser encontradas originariamente na sexualidade do sujeito normal, perdurando ao longo do desenvolvimento da sua sexualidade como traços.

De forma geral, a organização sexual infantil será definida a partir de estágios, com a primazia das zonas erógenas específicas de cada um articuladas entre si. As vivências de prazer e desprazer experimentadas nas zonas erógenas podem determinar a fixação da libido: “Assim, pois, a qualidade do estímulo influencia mais na produção de prazer do que as características da parte do corpo correspondente.” (Freud, 1905/1981, p. 1201). Qualquer parte do corpo pode elevar-se enquanto zona de excitação, mas é a zona genital que Freud aponta como a zona principal para o adulto.

Para pensarmos a questão da dimensão do prazer na perversão, a partir desse primeiro momento freudiano de buscar as raízes da sexualidade e sua função no processo de subjetivação, podemos pontuar a fixação da satisfação obtida nas zonas

erógenas pré-genitais. A satisfação anteriormente experimentada é constantemente buscada, e sua finalidade é a de repetir o prazer. Porém, o prazer experimentado não pode ser vivido da mesma maneira, emergindo novas possibilidades. Na perversão, essas possibilidades de obtenção do prazer encontram-se limitadas, impedindo os processos de sublimação, que seriam um dos destinos da sexualidade, como aponta Celes (1995a).

Se avançarmos para o artigo de Freud de 1911, *Os dois princípios do funcionamento psíquico*, podemos apontar a articulação entre o prazer e o desprazer. Transformar o desprazer em prazer é uma atividade que demanda mediações psíquicas resultantes da evolução do princípio de realidade.

O desprazer é sentido no organismo como tensão, excitação excessiva pulsional. Através das mediações do aparelho psíquico, essa tensão, que requer descarga motora imediata, pode ter sua satisfação adiada. O aparelho psíquico deverá, então, ser capaz de suportar os estímulos e as tensões durante esse adiamento através do processo de pensamento ligado aos resíduos verbais. Para tanto, as cargas livres do aparelho psíquico, regidas pelo princípio de prazer, devem ser transformadas em cargas fixas. Isso só será possível através da relação com a realidade externa e a emergência do princípio de realidade.

Retomando as colocações a respeito das zonas erógenas e suas excitações e adicionando a elas a relação prazer-desprazer, compreende-se que a fixação de uma dessas zonas possui o caráter de adiamento. Na perversão, portanto, poderíamos problematizar o quanto a fixação nas zonas pré-genitais seria a tentativa de apaziguamento do desprazer produzido pela introdução do princípio de realidade,

gerando uma interrupção do desenvolvimento da sexualidade pela busca da continuidade do estado de prazer na fase atual.

No desenvolvimento de suas definições, Freud (1905/1981) pontua a sedução da criança pelo adulto como um risco à perversão, não mais apenas como componente da sexualidade, mas como uma organização psíquica específica no adulto. Claro está que não se trata da sua teoria da sedução anterior, questionada em sua Carta 69 a Fliess. Porém, a sedução ainda é um elemento que pode servir como excitação e, portanto, como via para a obtenção de prazer. Veremos, posteriormente, que a sedução é uma característica marcante da estrutura perversa, já que ela se refere a uma anterior sedução materna na qual a mãe faz da criança seu objeto sexual, considerando-a como um objeto completo e garantidor de seu prazer.

De forma geral, para compreender a perversão ao longo da obra freudiana, Chasseguet-Smirgel (1991) aponta três fases essenciais. A primeira está suplantada, como já apontamos, pela definição de ser a neurose o negativo daquela a partir da descoberta da sexualidade infantil (Freud, 1905/1981). A segunda fase pode ser encontrada no estudo da fantasia de flagelação na sua estruturação, bem como nas relações do complexo de Édipo nessa fantasia (Freud, 1919/1981). A terceira fase remete ao mecanismo do fetichismo (Freud, 1927/1981) como um seu componente estrutural, revelando a recusa da castração do pênis materno pelo perverso. Acrescenta-se, nessa última fase, a clivagem do ego como defesa perversa e para a manutenção da recusa, coexistindo as contradições entre a realidade e as idealizações (Freud, 1938[1940]/1981).

Ainda seguindo o pensamento de Chasseguet-Smirgel (1991), é importante ressaltar que ela questiona a ideia de uma perversão generalizada, como se

sexualidade infantil fosse igual a sexualidade perversa. Certo é que Freud aponta as afinidades de ambas, mas a própria complexidade dos desenvolvimentos e destinos da sexualidade interpõe novos elementos e um trabalho psíquico específico. Assim, da sexualidade infantil ao desdobramento da sexualidade no adulto – que, para Freud, (1905/1981) é a sexualidade genital –, há uma transformação processual com pontos de evolução e outros de inibição.

Também divergindo de uma concepção de perversão generalizada, aponta Celes (1995a):

Mas se, ao contrário, fizermos deslizar, um sobre o outro, os sentidos dos dois momentos do termo ‘desenvolvimento’ tornar-se-ia compreensível que o processo chamado ‘inibição do desenvolvimento’ é um processo de transformação no desenvolvimento da sexualidade, cujo efeito seria uma certa permanência dos germes perversos, do qual o manifesto perverso é um exemplo. Significaria dizer que ‘inibição do desenvolvimento é um processo de desenvolvimento da sexualidade, e que, por isso, poder-se-ia esperar, não obstante a ‘permanência’, uma diferença entre a atividade do perverso e a sexualidade infantil indiferenciada. (p. 86).

Por fim, uma última consideração a respeito do início da construção freudiana do conceito de perversão encontra-se em Laplanche e Pontalis (2008). Para ambos, Freud questiona certas concepções morais acerca da sexualidade, mas reencontra uma normativa, um modelo de desenvolvimento pautado pelas fases pré-genitais e genital que podem submeter-se a certos desvios. De qualquer forma, temos,

no início da construção freudiana sobre a perversão, elementos que encontraram forte presença nos desdobramentos posteriores sobre o tema. Mesmo no estudo sobre o fetichismo (Freud, 1927/1981), a questão da referência a uma forma de desenvolvimento da sexualidade não deixa de estar presente.

1.2 TEORIAS INFANTIS, FANTASIAS E O DESEJO DE SABER

Apoiando-nos nas questões anteriores da condição de subjetivação da sexualidade e a perversão como um seu componente, levantaremos algumas considerações sobre as fantasias e as teorias infantis elaboradas pela criança no percurso do desenvolvimento psicosexual e sobre como elas determinam os elementos para a configuração da organização psíquica perversa.

Ainda nos *Três ensaios para uma teoria da sexualidade*, Freud (1905/1981) acentua a importância das teorias e fantasias infantis para a estruturação psíquica, tendo em vista o caráter fantasioso da sexualidade. Denomina pulsão de saber, ou de investigação, a busca da criança em compreender o que pode ameaçar a sua própria condição de existência. A procedência dos bebês com a chegada de um irmão, o ato sexual dos pais e a diferença sexual serão, de alguma forma, vivenciados psiquicamente pela criança.

As teorias sexuais infantis referem-se ao próprio estado de desenvolvimento de sexualidade da criança (Freud, 1908/1981). Mesmo sendo errôneas em suas formas grotescas de expressão, possuem certamente uma raiz de verdade comum: são elaboradas pela derivação dos componentes da pulsão sexual por uma

necessidade própria de constituição sexual. Mais uma vez, a sexualidade infantil é fundamental na compreensão da estrutura psíquica.

A primeira dessas teorias se acha envolvida com o desconhecimento da diferença sexual. O menino (assim como a menina) atribui a todos os seres a existência do pênis e, ao se deparar com uma menina desnudada, presume que logo lhe crescerá um, assim que ela for maior. Freud ainda pontua que essas teorias perdurarão durante todo o desenvolvimento infantil e, mesmo no adulto, comparecerão de forma a produzir sonhos e na composição de fantasias e devaneios.

No que se refere à constituição da perversão, o momento específico da descoberta da diferença entre os sexos é fundamental. Aprofundando esse ponto, Clavreul (1969) afirma que, mais do que dar conta da diferença sexual, a criança se depara com a “descoberta sobre o próprio Saber” (p. 106) como enganador, dado que, antes, sua posição subjetiva era de que todos os sujeitos possuíam pênis, sem exceção para as mulheres.

Melhor dito, a criança tem que reconhecer nesse momento que evoluía num universo de certezas onde não havia lugar para o caráter problemático da existência do pênis. Assim, além de sua descoberta, a criança tem de apreender que convém guardar um lugar para um “Não-Saber” cuja importância é, no entanto, primordial, visto que cobre o campo dos investimentos libidinais. (Clavreul, 1969, p. 106).

A teoria da universalidade do pênis, portanto, cuja presença a criança traz como verdade instituída em todos os seres humanos, sejam eles meninos ou meninas, é posta à prova e lhe é penoso abrir mão dessa verdade. Reconhecer que ela

era uma ilusão e que a diferença sexual está posta, garantindo um remanejamento estrutural e uma nova dimensão identificatória, tal é a condição que o perverso vai recusar, preservando o mito da onipotência e a fantasia de que é ele quem sabe do prazer ao qual devem sucumbir todos os outros sujeitos.

Para Clavreul (1969), há uma pulsão escópica que anima o menino na cena da descoberta da diferença sexual. E é justamente a ausência do saber que se torna causa da pulsão escópica, ou seja, a falta produz o desejo de saber (e olhar), garantindo a possibilidade de novos investimentos libidinais.

Na perversão, há uma recusa do não sabido. Essa posição subjetiva implicará, inclusive, em um determinado caminho da análise, a recusa de se aventurar no não saber, de produzir elaborações, conforme propõe a técnica freudiana. Toma-se esse saber (de recusa) como verdade: “É finalmente uma espécie de saber rígido, implacável, incapaz de ser revestido perante o desmentido dos fatos, um saber sobre as coisas do erotismo que se sente seguro de obter seja como for o prazer do outro” (Clavreul, 1969, p. 109).

Esse saber rígido, que busca encobrir a falta, o não sabido, pode se articular ainda, de acordo com a posição de Joyce McDougall (1992) sobre a perversão, à vivência da cena primária, cena que marca todo o percurso de subjetivação do indivíduo. Para a autora, a cena primária, no caso, foi vivida com grande desprazer, com uma angústia insuportável, e, a partir disso, o indivíduo precisará utilizar-se de mecanismos de defesa que lhe preservem a posição de onipotência da qual fala Clavreul (1969). E a criação de uma outra cena primária, erotizando a dor sentida, faz com que a perversão se defina como uma neo-sexualidade, como uma nova forma de lidar com o tema da castração e de vivenciar as experiências da sexualidade.

1.3 AS VICISSITUDES DO COMPLEXO DE ÉDIPO

Aprofundando um pouco mais a segunda fase do desenvolvimento freudiano sobre a perversão, segundo o estudo de Chasseguet-Smirgel (1991), trataremos dos desdobramentos do complexo de Édipo.

O complexo de Édipo abarca fundamentalmente as relações da criança com os objetos primitivos de investimento da libido, os pais. A lei maior desse complexo refere-se à proibição do incesto e, nesse sentido, encontra-se fundado tanto no complexo de castração como na descoberta da diferença sexual.

Na manipulação do pênis, o menino depara-se com a excitação e o prazer da ação. Para Freud, essa é a fase fálica, cujo desdobramento deverá levar a criança a uma organização genital definitiva. Contudo, a obtenção do prazer pode estar comprometida, à medida que o menino é ameaçado pelo pai caso continue com a atividade da masturbação. Até então, a ameaça não é muito levada em consideração, mas funcionará posteriormente, de forma efetiva, quando o menino descobrir a falta do pênis no genital do corpo feminino, mais propriamente na mãe. (Freud, 1924b/1981).

Entretanto, não é a excitação genital na masturbação do menino que é fundamental, mas a fantasia na qual se apóia, cujo objeto de investimento libidinal é a mãe. O conteúdo da fantasia, portanto, remete às relações existentes no complexo de Édipo: a ameaça de castração personificada na figura do pai e a proibição do incesto com relação à mãe.

Na fantasia “Uma criança é espancada”, Freud (1919/1981) articula o complexo de Édipo e as tendências perversas. Há três momentos específicos,

diferenciados pela presença de fantasias perversas no neurótico e a fixação perversa propriamente dita, de acordo com os desdobramentos de cada um dos momentos. Nessa fantasia de flagelação, os flageladores são as figuras parentais.

Na primeira etapa da fantasia, a menina encontra-se fixada libidinalmente ao pai, trazendo como conteúdo o pai que espanca uma criança e, por isso, a ama. A menina é, então, expectadora, e a fantasia será a expressão do amor incestuoso da menina para com o pai e a sua demanda pelo amor dele. (Chasseguet-Smirgel, 1991).

Na segunda fase, as relações entre os personagens encontram-se diferenciadas, sendo a menina a receptora da agressividade do pai. Essa fase só pode ser reconstruída através do processo de análise, devido aos conteúdos inconscientes presentes. Ela implicará uma fantasia masoquista.

Na terceira fase, havendo indeterminação de quem participa (qual criança é espancada), sua interpretação revela o ato amoroso incestuoso entre pai e filha, relacionado à punição. Os desdobramentos sádicos e masoquistas envolvidos definem uma linha de pensamento freudiano sobre a perversão como uma marca no desenvolvimento psicosexual: “A fantasia de flagelação e outras fixações perversas análogas seriam também resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes deixadas pelo curso do processo (...).” (Freud, 1919/1981, p. 2474).

Ainda nesse artigo, a perversão é comparada à neurose. Freud fala de traços de perversão na configuração dos sintomas neuróticos, levando em conta o fato de serem aqueles componentes da sexualidade infantil. O avanço aqui será a introdução da fantasia nessa determinação, baseada no complexo de Édipo. Este será não só núcleo da neurose como também da perversão.

Para ilustrar essa configuração edípica na perversão, é interessante recorrer à análise de um caso clínico de Serge André, “Dany ou a escolha do masoquismo” (André, 1995, p.27-35).

Dany procura a análise por indicação de um cirurgião que ele havia consultado para submeter-se à castração cirúrgica, pois “sentia-se mais moça do que rapaz” (André, 1995, p. 28). Sua dúvida pairava sobre ser ou não um travesti.

Na infância, Dany mantinha a cumplicidade materna com relação às suas práticas femininas: colocar calcinhas, meias e sutiã, contemplando-se no espelho. Certo dia, foi surpreendido pela mãe, que apenas lhe virou as costas e saiu do local. Ele sentiu-se envergonhado. À noite, foi a mãe que o surpreendeu, deixando-lhe, embaixo do travesseiro, um par de meias finas, o que lhe garantiu, posteriormente, maior acesso às manias femininas e maior aproximação com a mãe. O pai nada sabia dessa relação. Vale ressaltar que, antes do nascimento de Dany, o desejo materno era o de criar uma menina. Tanto que, somente após dois dias do nascimento de Dany, a mãe pôde aceitar a realidade do sexo do filho.

Quando Dany contava pouco mais de 16 anos, a mãe faleceu. O pai fez do quarto de Dany um santuário com todos os objetos dela e Dany teve de ir para a cama do pai. Para André (1995), instalou-se aqui uma situação de casal, “casal bastante estranho, aliás, onde não havia ninguém no lugar que deveria ocupar.” (p 29).

A configuração edípica, nesse caso, aponta para uma relação na qual, em um primeiro momento, mãe e filho se unem, formando um casal e anulando o pai. A mãe ensinara a Dany as atividades domésticas, as brincadeiras com bonecas, a se vestir de mulher. Em um segundo momento, após a morte da mãe, o pai aparece dando

continuidade à relação de casal. O pai lavava, cozinhava, ajudava o filho a pôr suas calças e dormiam juntos.

Posteriormente, em sua vida adulta, Dany aprendeu a disfarçar-se de homem no trabalho, exercendo todas as atividades viris de um “macho oficial” (André, 1995, p. 30). Chegando em casa, identificava-se com uma dona-de-casa. Depois de algumas sessões de análise, falou do que mais havia de secreto em suas práticas perversas: vestia-se de mulher e deveria ser contemplado por sua parceira para chicoteá-lo e humilhá-lo.

Sem considerar as posteriores formulações de André (1995), interessantes aqui vislumbrar o quanto a forma pela qual foram se configurando as identificações com as figuras parentais determinaram um tipo específico de funcionamento psíquico perverso, confirmando as relações postuladas por Freud (1919/1981) entre sexualidade infantil, perversão, fantasias e complexo de Édipo.

Entretanto, para definir de forma mais precisa a estrutura perversa, a contribuição da autora Piera Aulagnier também é fundamental.

1.4 PIERA AULAGNIER: A PERVERSÃO COMO ESTRUTURA

A perversão será comparada por Aulagnier (1969) a uma paixão. Esta não se define pelo objeto de investimento libidinal, mas pelo elo, “o laço que une” o sujeito ao seu objeto. Esse objeto torna-se indispensável, vindo a “não poder faltar”, a falta sendo vivida como a morte. Estando o objeto no campo da necessidade, Aulagnier compara-o à relação do toxicômano com a droga, que se torna para aquele o único objeto do qual não pode estar privado e pelo qual pagará qualquer preço, dado o prazer

que lhe proporciona a manutenção do laço. O laço é considerado o único caminho para a satisfação. Mesmo ligado à miséria, à dor e à decadência, o prazer será enaltecido de forma a desvalorizá-lo, em um narcisismo ao avesso.

Outrossim, para definir a perversão como uma estrutura clínica, Aulagnier (2003) se debruça sobre três conceitos fundamentais: a recusa, a lei e o desafio, como respostas ao horror produzido pela descoberta da diferença sexual. Essa diferença implica a perda do objeto de desejo (a mãe) e do instrumento de prazer (o pênis). Nesse sentido, a questão principal que ela delinea é “pode-se falar da perversão como uma estrutura?” (p. 44).

Para direcionar suas elaborações, cita o postulado do psiquiatra Henri Ey, no contraponto da concepção psicanalítica da perversão. Para esse autor, há uma perversão pura, aquela da qual faz parte um ato voluntário, efeito de uma escolha e de uma reivindicação dessa escolha. Essa perversão não estaria, portanto, no âmbito da patologia. Considerada corpo estranho à saúde mental, não é objeto de tratamento, pois o sofrimento, na doença mental, não é uma escolha consciente.

Com relação à saúde mental, Aulagnier (2003) não discorda do psiquiatra. Se se pode falar de uma perversão pura, realmente o sujeito reivindicaria sua escolha. Essa reivindicação refere-se à verdade dessa posição e vai ao encontro de sua forma de agir. Sua escolha seria justificada por um saber da verdade. Assim, o discurso perverso apresenta-se com um forte elemento argumentativo, pautado pela razão, com o objetivo de colocar o desejo como engano e a perversão como verdade sobre o gozo. A perversão já implica um saber, que, para a autora, é o engodo na qual se referencia sua razão.

Essa liberdade de escolha da qual fala o perverso é, no fundo, a ilusão na qual se sustenta. Assim, as colocações de Henri Ey são provocativas, no sentido de inserir ou não a perversão no campo psicopatológico. Contudo, para Aulagnier (2003), interessa à psicanálise a causa daquilo que o perverso acredita ter sido sua escolha, por que alguns sujeitos podem “transformar a dor em prazer, o horror da castração em motivo de gozo, a depravação e a degradação em valorização narcísica” (p. 47). No que se devem recolocar em questão as determinações inconscientes que abarcam sua estrutura psíquica, mesmo diante de qualquer sintomatologia. Dois elementos são essenciais a essa tarefa a que a autora se propõe: a recusa e o desafio.

A recusa é o mecanismo de defesa específico da perversão. Freud (1927/1981) aponta essa condição em seu estudo sobre o fetichismo, avaliando que é justamente no momento em que o sujeito assume a castração, quando se projeta uma modificação estrutural em sua economia libidinal, no nó do complexo de Édipo, que essa assunção se submete ao mecanismo de recusa. Assim, esse processo traz implicações para a economia libidinal nas suas relações com o prazer.

Para compreender essa relação, Aulagnier (2003) postula a existência de um estágio anterior a esse momento da contradição entre a recusa e a assunção, ou seja, antes do momento da descoberta da castração. Esse anterior se determinará pela relação materna.

Assumir a castração traz como consequência a renúncia e a entrada na esfera do desejo, com o abandono das identificações pré-genitais. A lei paterna funcionará como ancoragem do interdito e da legalidade do desejo. Estas vão estar interligadas e sustentando as identificações do sujeito, garantindo um saber sobre a sexualidade e sobre a interdependência do outro na configuração do desejo, fundado na

alteridade. Porém, se a recusa é a porta-voz dessas identificações, o perverso faz do outro e de seu gozo “a prova da não-existência da castração e a prova de que a própria castração é em seu horror uma forma de gozo” (Aulagnier, 2003, p.45).

Ressaltando as questões identificatórias do sujeito, para definir o que seja esse “outro” e a interdependência na qual é sustentado o desejo, Aulagnier (1985) define a necessidade de um projeto identificatório para a constituição estrutural do ego, cujo trabalho psíquico concerne ao Eu. O Eu, diferente do ego, mais primitivo, é investido por um porta-voz (nesse caso, a mãe) que o nomeia, que o pensa e que formula as suas aspirações identificatórias. O “Quando você crescer...” é posteriormente transformado em “ Quando eu crescer...” (p. 21), por exemplo, definindo-se aí uma separação, mas também a contribuição da palavra de um outro na formação futura do Eu.

O Eu deixa durante um certo tempo a um outro a tarefa de investir no seu próprio tempo futuro, de operar esta **segunda antecipação** necessária para sustentar os desejos que vem tornar sensata a necessidade de mudar, de tornar-se outro, de ter outros desejos. Se o Eu só pode ser apropriando-se e investindo em pensamentos com função identificatória dos quais se reconhece como sendo o enunciante, e não sabendo que ele foi, inicialmente, um simples ‘repetidor’ do discurso de um outro, existe um segundo momento fundamental para o seu funcionamento que exige que ele assuma **a segunda ação de antecipação**, exercida pelo seu porta-voz. Isso pressupõe que o Eu faça suas aspirações identificatórias que investem

no futuro, e um futuro que não será mais simples desejo do retorno ao passado. (Aulagnier, 1985, p. 21-22. Grifos da autora).

Na dissolução do complexo de Édipo, a posição paterna asseguraria a renúncia como possibilidade ao desejo futuro, desejo que implica em reconhecimento da falta. A realidade do desejo do pai e a da diferença entre os sexos colocam em perigo as fantasias até então construídas para suplantar o mundo regido pelo princípio do prazer, cujo desejo materno pode representar.

A primeira recusa recairá na preservação da mãe como instância suprema do desejo, já que ela foi a representação do “primeiro Outro do desejo” (Aulagnier, 2003, p. 48), garantindo a não destruição frente à angústia sentida desde o nascimento. Como a mãe vem suprir essa necessidade, ela se torna a detentora do prazer.

O menino deve reconhecer que o objeto de desejo materno está para além dele e que estará excluído do prazer que a mãe encontra no pai. Antes disso, acredita ser o único objeto do amor materno, a incorporação do próprio desejo. Ele é o desejo exclusivo da mãe, a totalidade, aquilo de que ela pode sentir falta. Ocorre uma idealização da imagem materna como uma imagem fálica.

Nesse momento, o que se requer do sujeito não é a renúncia do desejo, mas do objeto (mãe), sendo necessária uma lei que salvasse esse desejo, compensando a renúncia. Serão a lei da filiação e a lei do desejo que manterão essa função (Aulagnier, 2003).

A lei da filiação se define pelo lugar do filho na família, como consequência do desejo parental e não como sua origem. Estão em causa qual o seu

lugar dentro da configuração edipiana, a descoberta de que é o pai o desejado pela mãe, bem como a promessa de sua continuidade na cadeia simbólica na qual será futuro genitor.

No que se refere à lei do desejo, o sujeito deve “reconhecer que o desejo é sempre o desejo do desejo e não de um objeto e que, portanto, qualquer que se tenha a oferecer, nenhum pode garantir a adequação da resposta, é uma face da castração simbólica.” (Aulagnier, 2003, p. 52). A lei do desejo aponta, portanto, a falta como estruturante do sujeito e a diferença sexual como irreversível. Diante disso, “assistimos a uma espécie de transmutação que transforma o que poderia ter sido horror (que permanece para o perverso) em fascinação” (Aulagnier, 2003, p. 50). E é essa fascinação que possibilitará a transformação do horror à castração na possibilidade de constituir-se enquanto sujeito do desejo, investindo em novos objetos e diferenciando-se dos objetos primitivos.

Para compreender a recusa da castração na estruturação da perversão, três estágios são definidos por Aulagnier (2003). O primeiro se caracteriza pela certeza da existência da unissexualidade original, que, em Freud (1924b/1981), se refere à teoria da universalidade do pênis e ao não abandono dessa crença. O segundo, fundado na recusa da diferença sexual, se define pela colocação fantasística de um agente da castração real, o pai, que foi responsável pela mutilação do corpo da mãe. Nesse momento se produz o horror à castração. O terceiro estágio envolve o reconhecimento de “uma primeira falha do desejo projetada sobre a mãe” (Aulagnier, 2003, p. 47), como se ela fosse, ao mesmo tempo, causa e lugar do pecado original. Ela quem provocou a sua própria castração.

Na dimensão sacrificial no perverso, assentada no terceiro estágio (ausência de pênis materno), “a ausência de pênis na mulher vem fazer da ‘diferença’ o equivalente de uma mutilação, de uma marca sangrenta, a causa de um ‘horror’ que faz de todo desejo algo que coloca o próprio ser do sujeito em perigo.” (Aulagnier, 2003, p. 51).

Ainda sobre a questão da recusa como elemento estrutural da perversão, ressalta-se a clivagem do ego na produção de dois tipos de afirmações contraditórias, que o perverso encena e as define como condição para o gozo. Considerando essa encenação como a síntese da verdade universal e o enigma do gozo, o perverso buscará prová-la de forma repetida, buscando confrontar-se a uma lei ou a alguém. Assim, ele não reconhece a existência de uma diferença original, mas pontua uma castração real, real para ele, com a afirmação de que a mãe foi castrada pelo pai, recusando o desejo dela para com o pai. Não há a transformação da falta em desejo.

Com relação à mãe, cabe analisar as condições nas quais sustenta uma cumplicidade com essa recusa, efetivada pela sedução. Esta será caracterizada pelo silenciamento de uma fantasia de sedução na qual ela sabe ser a personagem principal. Como detentora desse poder fálico, a idealização materna se torna patente, colocando-se no lugar da onipotência e como instrumento a serviço do prazer. Dessa forma, o perverso encontra, na cumplicidade dessa mãe, a impunidade de que necessita para suas práticas e a ilusão de deter a verdade sobre o gozo.

Sustentado pela cumplicidade da mãe, o perverso busca reviver a castração e novamente recusá-la através da repetição de uma prática ritualística e sacrificial infligida ao corpo. Mas esse rito só pode ser executado diante de um contrato cujas cláusulas encontrem seu fundamento na lei e no gozo, como parte integrante de

um circuito “fechado e infinito”. É o que vemos no caso Dany (André, 1995), em que a cumplicidade materna se fez patente e sob o apanágio da idealização.

Desse caminho há uma dupla leitura: “a mãe tem um pênis” e “a mãe foi castrada pelo pai”. Essas imagens são preservadas no perverso por causa da recusa, mantendo-se a não oposição sobre o que, para o neurótico, seria contraditório. A recusa e a cisão do ego “representam a solução imposta ao perverso pela configuração edipiana” (Aulagnier, 2003, p. 58), definindo sua posição diante da filiação.

O desafio, como o segundo elemento postulado por Aulagnier (2003) na determinação da perversão como estrutura, tem uma definição inicial que passa pelo campo fenomenológico. Essa definição acha-se evidenciada pelo comportamento contrário aos bons costumes da sociedade, apresentando-se através de um escândalo. Sendo essa concepção descritiva, deve-se percorrê-la para chegar à revelação de uma motivação inconsciente.

Na noção de desafio e escândalo, a intenção inconsciente é a de desvelar algo proibido. Há a necessidade de um espectador. O desafio é feito na busca de desmentir as provas do real que se encontram na lei. A função da lei é atestar a realidade e o desafio é lançado sobre ela (a lei como discurso da realidade).

O que o perverso desafia sem saber – e aí está a motivação inconsciente da sua conduta – é o real. E se ele desafia esse real pelo viés da lei é porque a lei vem, em nome do saber, designar e codificar a realidade. Toda lei, seja uma lei ética ou uma lei penal, apóia-se sobre o postulado de um saber que se quer verdade porque esse saber tem a pretensão de encontrar suas fontes no real. (Aulagnier, 2003, p. 62).

Aulagnier, portanto, com uma elaboração minuciosa, define a perversão como estrutura diferenciada da neurose e da psicose. Com essa demarcação, passamos a analisar a perversão nessa condição, apontando a dimensão do prazer nessa estrutura. Ressalta ser o desafio uma das possibilidades de prazer diante da recusa.

CAPÍTULO 2

HORROR À CASTRAÇÃO

Neste capítulo, abordaremos o horror à castração como o momento específico no qual o sujeito se confronta com a cena da descoberta da diferença sexual, experimentando a angústia da castração como perigo de sua própria destruição. Enquanto no neurótico esse horror é transformado em fascinação pela ascensão ao desejo¹ fundado na falta e na diferença sexual (Aulagnier, 2003), o perverso permanecerá fixado a essa cena como condição única de acesso ao prazer, de forma ritualística. A ascensão ao desejo, portanto, garante a estruturação do sujeito e a constituição da alteridade, diferentemente no perverso que, recusando a falta, recusa ser constituído pelo desejo do outro (Birman, 2007a). Ao invés de ascender ao desejo, há no perverso uma ascensão ao prazer, que deverá ser constantemente reposta (Rosolato, 1969).

Se o horror à castração produz angústia, pondo em perigo a existência do sujeito, a presença da angústia exige um determinado trabalho psíquico como impulso a uma elaboração para a saída da condição de desprazer proporcionada pelo

¹ O desejo em Freud é definido como desejo inconsciente. No alemão, é utilizado o termo *Wunsch*, que significa voto ou anseio. O desejo não está ligado à necessidade biológica, mas a traços mnêmicos e lembranças, cuja base é a sexualidade. Freud tem no seu artigo *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900) a sua elaboração mais bem definida. Despreza a noção filosófica de *Begierde* de tradição hegeliana, que é utilizada para designar “apetite, tendência ou concupiscência nas quais se expressa a relação de consciência com o eu” (Roudinesco, 1998, p. 146). No conceito lacaniano, o desejo será definido tanto na concepção freudiana como buscando a contribuição filosófica do desejo enquanto reconhecimento. Define ser o desejo do desejo do outro, pois se busca o reconhecido desse outro constituído pela fantasia (objeto fantasmático, e não objeto real, segundo Laplanche e Pontalis, 2008). O desejo se instituirá através da distância entre demanda e necessidade, mas não se confundindo com ambas. O termo alemão, nesse caso, será *Begierde*, mas considerando-se o desejo em uma posição também inconsciente (Roudinesco, 1998). Essa concepção lacaniana vai marcar as elaborações de outros psicanalistas que compõem as discussões desta dissertação.

excesso de excitação acumulada. Nesse sentido, para Celes (1995b), “a angústia é indício de afastamento da morte; ela não denuncia a presença da pulsão de morte, mas de seu oposto, da pulsão de vida, sexual e erótica” (p.43). Se existe desprazer nesse excesso, esse momento estará marcado por um tipo de defesa narcísica cujo fim é o de preservar a perda ligada ao narcisismo.

Na perversão, o momento do horror à castração e a angústia a ele ligada também ativarão as defesas narcísicas, mas não contra a perda ligada ao narcisismo. Não se reconhece essa perda, mas se mantém a recusa da ferida narcísica diante da castração, assim como a recusa da diferença sexual. Como apontou Aulagnier (2003), essa recusa transforma o próprio horror à castração e a angústia em apanágios para o prazer ritualizado e sacrificial.

Intentamos, neste segundo capítulo, articular os elementos do narcisismo, da construção do objeto fetiche como mantenedor da recusa de castração e a transgressão da lei na estrutura perversa. Ressalte-se que, diante das condições de estruturação do perverso no momento do horror à castração, o narcisismo promoverá a formação de um tipo de ideal de ego fortemente marcado pela idealização. A recusa da castração promove a construção do objeto fetiche, que manterá essa idealização pela clivagem do ego (Rosolato, 1969). Segundo Aulagnier (2003), o desafio e, para Rosolato (1969), a transgressão da lei são condições para a obtenção do prazer.

2.1 O NARCISISMO NA LÓGICA DA PERVERSÃO

As elaborações de Freud (1914b/1981) sobre o narcisismo, no artigo *Introdução ao narcisismo*, questionam a noção psiquiátrica que o define como a verdadeira perversão sexual. Nessa definição, o narcisismo seria apenas considerado

como atividade na qual o sujeito toma seu corpo como objeto sexual (autoerotismo), contemplando-o e acariciando-o com a finalidade do prazer pela descarga libidinal que proporciona. Contrário a essa posição, Freud afirma que a resistência encontrada em seus pacientes em análise tem uma raiz no narcisismo, ampliando a noção deste como componente de todas as organizações psíquicas, embora de forma diferenciada em cada uma delas. Nesse sentido, o narcisismo fará parte da economia libidinal do indivíduo na articulação entre os investimentos no próprio corpo e os investimentos nos objetos externos.

Na formação da criança, Freud (1914b/1981) diferencia dois tipos de narcisismo que fazem parte da constituição psíquica. O narcisismo primário terá uma estreita relação com o autoerotismo, sendo uma etapa necessária entre este e o amor objetual. É primitivo e proporcionará a unificação das pulsões parciais das zonas erógenas, com a participação na formação de uma imagem corporal unificada e na estruturação do ego, inexistente a princípio. Assim, o ego será uma instância a ser desenvolvida como imagem do investimento libidinal no próprio corpo como totalidade.

O narcisismo secundário é posterior a essa unificação corporal e ocorre por um processo de retorno da libido investida nos objetos para o ego. Porém, há uma determinada quantidade de libido que permanece no ego apesar do investimento nos objetos externos. A necessidade de investimento nos objetos tem sua base no desprazer sentido quando a excitação da libido do ego é excessiva. E Freud chega a afirmar que é preciso investir nos objetos para não adoecer. Quando mais a libido está investida no ego, mais pobre se torna o investimento objetual, engendrando um empobrecimento da vida erótica.

Há, portanto, uma dinâmica entre a libido objetal e a libido do ego no desenvolvimento da sexualidade. A princípio autoerótica, pela satisfação no próprio corpo, recairá nos primeiros objetos que asseguraram os cuidados necessários à vida, demarcando assim uma experiência de satisfação e de prazer advinda desses cuidados. Inicia-se, nesse momento, uma eleição primitiva de objeto sexual apoiada nas atividades de conservação. Esse primeiro objeto será apontado por Freud (1914b/1981), bem como por Aulagnier (2003), como sendo a mãe, que será investida libidinalmente conforme o tipo de investimento anaclítico ou de apoio (Freud, 1914b/1981), marcando as futuras eleições de objeto do sujeito e resguardando certa quantidade de libido narcísica primitiva no ego. Esse processo é o que Freud (1914b/1981) proporá como o curso normal da economia libidinal, de que a mobilidade dos investimentos do ego e do objeto manterá o equilíbrio, sucumbindo ao princípio de realidade e às leis que regem o complexo de Édipo: a da castração, a da diferença sexual e a da proibição do incesto. Ocorrerá a formação do ideal do ego que busca recuperar a porção narcísica original, modificada pela interdição da realidade proporcionada pelos pais.

Assim como é a mãe quem submete a criança aos seus primeiros cuidados, também é a figura materna quem seduz a criança e mantém o equilíbrio de suas gratificações. A sedução materna incide sobre a formação do ideal do ego, aproximando o menino do pai, que é a figura maior de representação da genitalidade. Aulagnier (2003) aponta que, na constituição da estrutura perversa, não há uma dissolução do complexo de Édipo, conforme proposto por Freud (1924b/1981), pois não se configura a interdição do incesto pelo pai. A sedução materna se faz patente e o pai é destituído do lugar de autoridade, desqualificado em sua genitalidade (Chasseguet-Smirgel, 1991). Construir-se-á para o perverso uma ilusão de que a pré-genitalidade é

superior ou até igual à genitalidade. Não se necessita, portanto, caminhar para a genitalidade, mas encontrar na fixação à fase anterior uma situação de fusão com a mãe, reencontrando também as bases de seu narcisismo. Para Chasseguet-Smirgel (1991), o desejo do incesto está apoiado nas motivações narcísicas, nas quais não se necessita operar uma divisão entre o ego e o não-ego, mantendo a nostalgia de uma época em que o ego era ele mesmo seu próprio ideal.

O que parece importante para nosso assunto é que tudo se passou como se a mãe tivesse impelido a criança a se deixar enganar, fazendo-a crer que era, com sua sexualidade infantil, um parceiro perfeito, que nada tinha a invejar de seu pai, interrompendo-o, assim, na sua evolução; seu Ideal do Ego, em lugar de investir no pai genital e em seu pênis, ficando ligado a um modelo pré-genital (Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 113).

O reinvestimento narcísico, portanto, será promovido pelo mecanismo de recusa da castração e pela tentativa de abolição das leis que regem o complexo de Édipo. Retomando o caso Dany (André, 1995), a sedução materna e a destituição da figura do pai como portador da lei edípica levaram Dany à ilusão de que a relação mãe-filho era suficiente para garantir seu prazer. Para Dany, o momento de admiração da mãe ao vê-lo como a menina que ela desejara preservava seu narcisismo, como se naquela cena houvesse se cristalizado a relação perfeita de completude entre o desejo materno e a exclusividade dele nesse desejo. A idealização da mãe alimentava seu narcisismo primitivo.

O papel do desejo da mãe tem, assim, uma base importante na constituição da perversão, levando a uma idealização do objeto sexual e à preservação do narcisismo. A economia libidinal na perversão buscará garantir o equilíbrio entre a libido do ego, no narcisismo, e a libido objetual, pela idealização do objeto. Um e outro garantem a ilusão da onipotência do desejo e do acesso ao prazer. Isso porque, antes mesmo da recusa da castração, o menino recusa que ele não seja a exclusividade do desejo da mãe. Afirma Aulagnier (2003) que:

Precedendo essa recusa [da castração] encontramos assim uma primeira recusa que visa a preservar a mãe como instância suprema, a fim de salvaguardar o mito de uma onipotência do desejo e de uma automaestria do prazer. É a crença na onipotência do atributo fálico (e pouco importa o sexo real do sujeito) que, anteriormente à castração em sentido estrito, preserva o mito narcísico de uma onipotência que encontra seu ponto de referência na mãe. (Aulagnier, 2003, p. 49).

Narcisismo e idealização do objeto sexual, portanto, participam da lógica da estruturação da perversão. Diferentemente do tipo anaclítico (ou de apoio) de investimento da libido, do qual fala Freud (1914b/1981), há outro modelo de eleição de objeto na perversão, o do tipo narcisista. Esse se caracterizará pela busca do perverso a um objeto cuja imagem projete a imagem dele mesmo. É interessante notar essa posição quando se considera o casal perverso segundo Clavreul (1969). Ele se liga através de um contrato pré-estabelecido de cláusulas imutáveis. Não há uma referência ao amor no casal perverso, mas a demarcação de um segredo apenas codificado pelo par e a serviço do prazer. No terceiro capítulo, essas considerações sobre o casal perverso serão

aprofundadas. Aqui vale apontar a diferenciação entre o amor e o contrato perverso que envolve o casal.

Em suas conclusões sobre o narcisismo e a formação do ideal do ego, Freud (1914b/1981) afirma:

A evolução do ego consiste em um afastamento do narcisismo primário e cria uma intensa tendência a conquistá-lo de novo. Este afastamento acontece por meio do deslocamento da libido sobre o ego ideal imposto do exterior e a satisfação é proporcionada pelo cumprimento deste ideal (p. 2032).

O ideal do ego é a marca das identificações parentais e dos investimentos narcísicos perdidos na infância. Se esse caminho for perturbado por influências diversas, constituirá uma perversão. A perturbação que nos interessa aqui é a do momento do horror à castração, produzindo a recusa da aceitação da diferença sexual.

Nos casos em que não se chega a desenvolver-se este ideal, a tendência sexual de que se trate entra a formar parte da personalidade do sujeito na forma de perversão. O ser humano cifra sua felicidade em voltar a ser seu próprio ideal, uma vez mais como era na sua própria infância, tanto com respeito a suas tendências sexuais como em outras tendências. (Freud, 1914b/1981, p. 2032).

A relação conforme a eleição de objeto do tipo narcisista só será possível no retorno a esse ideal construído sobre a base da satisfação narcísica. O

perverso busca investir libidinalmente apenas no que pode ser como si mesmo, em uma relação de espelho da qual é emblema o mito de Narciso. Contudo, ao buscar essa imagem, esse ideal, ele tropeçará nas dificuldades que estão além de seu desejo. Tais dificuldades se referem à realidade da castração e da diferença sexual, mesmo que o perverso procure manter a ilusão da inexistência dessas realidades através da clivagem de seu ego.

A relação entre o amor, o narcisismo e a perversão pode ser pensada segundo as considerações de Birman (2007a). Seu argumento é o de que a diferença sexual como possibilidade de acesso ao desejo e sua condição de interdependência da relação com os outros proporciona uma subjetivação marcada pela diferença das individualidades. Essa subjetividade marcada pela alteridade garante a experiência de singularidade diante da diversidade entre os sujeitos. A aceitação da diferença sexual, sendo a destituição dos emblemas fálicos da figura materna, contraria a preservação de uma identidade narcísica, provocando sua ferida em proveito do desejo. A alteridade, portanto, garantirá o equilíbrio entre o investimento libidinal no ego bem como o investimento no objeto de forma flexível. Contudo, o indivíduo perverso não se estrutura pela via da alteridade e há uma relação do seu narcisismo com as demandas contemporâneas de garantia de lucro independente dos vínculos afetivos entre as pessoas. A não alteridade do perverso se situa justamente para não correr o risco de desfalecimento de seu próprio núcleo narcísico. A ferida narcísica torna-se insuportável, caso o reconhecimento da diferença esteja presente.

A partir dos apontamentos sobre o narcisismo, podemos fazer algumas aproximações entre o funcionamento psíquico da estrutura perversa e a erotomania. Diante da concepção de Freud (1905/1981) sobre a perversão como componente da

sexualidade, traços da perversão compõem também a estrutura psicótica. Localizando, portanto, segundo Perrier (1969), a erotomania no limite entre a psicose e a perversão, tem-se a recusa da castração como mecanismo de defesa comum às duas estruturas bem como a idealização do objeto. A erotomania configura-se como um “processo psicótico *a minima*” (Perrier, 1969, p. 165). O elemento fundamental desse processo é o delírio passional na mulher², que acredita ser amada profundamente por determinado homem e alimenta a esperança de ficarem futuramente juntos, caso ela se submeta às orientações dele. Para ela, foi ele quem deu os primeiros indícios do amor, vendo em qualquer gesto seu uma atitude de ligação libidínica para com ela. Contudo, esse investimento libidínico parte apenas da erotomaniaca e, na realidade, não encontra ressonância da parte de seu objeto.

Resumidamente, há três fases de desenvolvimento no processo da erotomania, segundo Perrier (1969). A primeira delas é a fase da esperança, na qual há a certeza de ser amada por um personagem assim como há a espera do momento de efetivação do relacionamento. Cria-se um cenário de romance, onde o personagem torna-se o objeto privilegiado de seus investimentos, por vezes sentido como necessário para a própria existência. Há uma idealização do objeto que, aos poucos, vai sendo confrontada com a realidade, desdobrando-se na segunda fase. A segunda fase se caracteriza pelo desespero sentido pelo objeto à medida que os indícios reais da não correspondência ao seu amor se tornam mais presentes. A terceira fase compreende o ódio sentido para com o personagem que supostamente a amava, buscando vingar-se

² Segundo Perrier (1969) “a erotomania é um estado passional na mulher” (p. 135). Isso pela própria questão da sexualidade feminina. Sem adentrar nas questões relativas à mulher, interessa aqui apontar um extremo a que podem chegar o investimento do tipo narcísico e suas afinidades com a estrutura perversa.

dele com a mesma intensidade com que lhe devotava seus sentimentos de esperança, posicionando-se como vítima.

A erotomania parece demonstrar, portanto, em suas constelações psíquicas, um narcisismo às avessas, isto é, uma anulação narcísica em favor do suposto amor ao outro. Contudo, por detrás desse “narcisismo ante-erotomaniaco” (Perrier, 1969, p. 144) se revela uma economia libidinal que também anula seu objeto, à medida que fantasia sobre ele as suas próprias idealizações. É nessa característica da relação objetal que mantém com um parceiro sexual ou com aquele a quem escolhe em sua trama persecutória que se dará a evidência das afinidades com a estrutura perversa. Para Perrier (1969), a idealização de uma relação sustentada pela erotomaniaca com seu objeto revela a fragilidade da formação do seu ideal do ego.

Assim, esse outro só é objeto de investimento passional à medida que ele remete ao seu ideal. Um ideal do ego precário, fundado em uma constelação edípica perversa, em que o sexual foi vivido de forma traumática. Perrier (1969) aponta que, na erotomania, as vicissitudes do complexo de Édipo estão relacionadas à existência de um pai incestuoso e uma mãe sedutora, tornando a estruturação da imagem corporal deficitária. Vivendo na constante ameaça da perda do objeto, que remete à sua anterior fragilidade de investimento pelos objetos primitivos, a erotomaniaca empreende a defesa contra a angústia de um esvaziamento narcísico. Persiste, portanto, que o objeto a ame e que não a faça sofrer como vinha sofrendo em seu passado. Nesse apelo ao objeto, submete-se a uma forma de relação pautada pela destituição da alteridade, numa aproximação com a estrutura perversa. Como aponta Aulagnier (2003), o perverso encontra na miséria e em sua própria depreciação os meios pelos quais obtém seu prazer. Este prazer não se acha fundado na alteridade, mas suplantado pelo narcisismo.

No que se refere à trama persecutória, Freud (1910[1911] /1981) aponta no processo a retirada de uma grande quantidade de libido dos objetos que será reinvestida no ego. O enfraquecimento dos investimentos objetais são evidenciados pela formação do delírio persecutório de engrandecimento do ego, revelando o narcisismo que constitui a estrutura paranóica. Em sua análise do caso Schreber, o conteúdo do delírio com sua riqueza de detalhes demonstra que o investimento nos objetos do mundo externo retorna ao domínio do ego e que, pelo mecanismo de projeção, esses objetos antes amados passam a ser vivenciados como perseguidores.

O mecanismo da paranóia pode funcionar, assim, para a defesa da fantasia homossexual em Schreber (Freud (1910[1911] /1981). Essa relação entre o desejo homossexual e a paranóia remete à inibição do desenvolvimento sexual na etapa intermediária entre o autoerotismo e a relação objetal, isto é, no narcisismo. Nessa etapa, ocorre a fixação da libido pelo prazer gerado em seu próprio corpo, em seus genitais, desencadeando, posteriormente, no desenvolvimento sexual, a busca por objetos que lhe sejam semelhantes, constituindo a homossexualidade manifesta. Na constituição heterossexual, as tendências libidinais homossexuais são desviadas em seu fim, e conduzidas às relações de amizade ou de convivências sociais diferenciadas, mas tais tendências podem ressurgir, como em Schreber, de forma encoberta, através de seus delírios paranóicos. A tendência homossexual transformada em uma percepção externa de perseguição, em um delírio, é, para Freud (1910[1911] /1981), a possibilidade de reconduzir a libido para os objetos. “O delírio, no qual vemos o produto da enfermidade, é na realidade a tentativa de cura, de reconstrução.” (Freud, 1910[1911] /1981, p. 1522).

A libido reinvestida no ego gera aumento de carga livre no aparelho psíquico e isso, por sua vez, gera aumento da tensão, ocasionando o desprazer. Na paranóia, esse aumento de tensão é utilizado para a construção de delírios de engrandecimento. A fixação no narcisismo conduz a um retrocesso libidinal até a homossexualidade constitutiva do indivíduo, caracterizando uma acentuada regressão. A perda da realidade está vinculada a essa regressão e a tentativa de reinvestimento nos objetos externos será efetuada pela via da projeção que compõe o delírio. Ao se considerar isso, o objeto que persegue para o paranóico foi, anteriormente, um objeto amado, fazendo com que a percepção interior do sentimento para com um homem seja substituída por uma percepção externa através da projeção.

Também na erotomania, Freud (1910[1911] /1981) postula esse núcleo homossexual, que, aparentemente, aproxima-se de uma intensa e deformada relação heterossexual. Se, em Schreber, a fantasia homossexual no interior da trama persecutória remete à figura do pai, na erotomania essa tendência homossexual parece apontar para a figura da mãe. Essa hipótese da erotomania vai ao encontro do que já se afirmou aqui sobre a sedução materna em Aulagnier (2003). A presença da sedução materna e a desqualificação paterna encobrem uma falha no processo de constituição da imagem corporal. A idealização na estrutura da erotomania e na da perversão parece apontar para uma tentativa de unificar essa imagem corporal fragmentada, bem como buscar, diante do desprazer sentido, o mínimo de prazer.

Esse estado passional, na sua vertente erotomaniaca ou na sua vertente perversa, pode de certo modo aparecer-nos como prova de uma situação de alarme para o estatuto mais ou menos organizado de

uma ‘divisão’ necessária à permanência do indivíduo para si mesmo e para o outro (Perrier, 1969, p. 153).

Tal como no perverso, em que o fetiche é colocado no lugar da ausência do pênis materno, recusando a falta, a erotomaniaca projeta a certeza do amor do objeto mesmo diante dos fatos contrários da realidade. A criação de um universo particular no qual ocupa o lugar de ser ela mesma a causa exclusiva do desejo do outro, segundo o postulado “foi o objeto que me procurou, é ele que ama mais” (Perrier, 1969, p. 138), demonstra a tentativa de simbolização do objeto fantasístico e aponta para a configuração de uma estrutura psicótica. Nesse momento, ela diverge da perversão, passando a configurar um processo paranóico.

Os problemas com a relação objetal primitiva são essenciais em ambos, erotomania e perversão. A exigência passional, mesmo como malogro, torna-se o que sustenta o sujeito diante da angústia de um processo de fragmentação e da tentativa de resguardar seu refúgio narcísico.

Nessa mesma direção, McDougall (1992) sustenta que a condição de estruturação perversa da sexualidade humana tem mecanismos de funcionamento próprios que compõem uma forma de solução encontrada para os conflitos relacionados à condição humana de incompletude. Na paranóia e na perversão, o que está em questão é a possibilidade mínima de constituição do sujeito diante da realidade do horror à castração, sob o risco de uma angústia insuportável. Para a autora, portanto, a perversão acha-se constituída para garantir o equilíbrio de uma economia psíquica já fragilizada tanto nos seus investimentos objetais como em seu núcleo narcísico. Existe nisso a

formação de um teatro erótico que gira em torno do tema da castração, capaz de encobrir a angústia de forma a proporcionar sua erotização.

Após essas aproximações das estruturas psicótica e perversa através do narcisismo, o tema do fetichismo como próprio à estrutura perversa, permeado pela idealização e erotização do momento específico de horror à castração, precisa ser explicitado.

2.2 FETICHISMO: MONUMENTO À CASTRAÇÃO

Por detrás do objeto fetiche, “o horror à castração se erige a si mesmo como uma espécie de monumento ao criar dito substituto”, aponta Freud (1927/1981, p. 2994) na análise do mecanismo do fetichismo na perversão. Se, nos *Três ensaios para uma teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1981), a perversão é definida enquanto parte da pulsão sexual e, portanto, originária na sexualidade infantil, no fetichismo as elaborações de Freud estão voltadas para a definição dos elementos que fazem da perversão uma organização psíquica específica, diferenciada da neurose e da psicose.

Para Freud (1927/1981), o fetiche será um substituto do pênis da mãe a fim de preservá-lo do desaparecimento, já que, na infância, houve uma importante participação fantasística dele nos desenvolvimentos da sexualidade, evidenciado na teoria da universalidade do pênis. O menino recusa o fato da ausência do pênis na mãe, pois teme também perder o seu. Estamos novamente às voltas com o narcisismo. Mas não é um problema visual que impede o indivíduo de se deparar com a falta do pênis da mãe, pois a percepção se conserva à custa de uma ação bastante enérgica para manter tal situação de repúdio. É no mecanismo de recusa da castração que Freud (1927/1981)

aponta essa possibilidade de sustentação do objeto fetiche, que será supervalorizado sexualmente. Diante do horror à castração vivenciada, elege-se um substituto do pênis como possibilidade de triunfar sobre a ameaça de castração.

Segundo Aulagnier (2003), o perverso desafia a realidade do corpo da mulher através do fetiche. Assim, o fetiche também funciona como parte do desafio perverso diante da realidade da diferença sexual, idealizando a imagem materna a fim de preservar sua suposta onipotência diante do desejo da mãe.

Esta idealização será mantida pelo perverso porque ele jamais irá desalojar a mãe totalmente dessa posição primeira de onipotência, que era a sua. Ele não pode renunciar a uma certa relação entre uma mãe fálica e ele mesmo enquanto instrumento de prazer a serviço dessa mesma instância suprema. Sua relação com a mãe não passa pela sublimação e ele não tem a dissolução do complexo de Édipo; seu modo de evitar o incesto é a idealização e seu acesso à sexualidade o obriga a uma clivagem do objeto. (Aulagnier, 2003, p, 55).

Para Guy Rosolato (1969), a proibição do incesto é a lei que rege o complexo de Édipo e a perversão pode ser definida a partir do fetichismo. Assim, podemos compreender que, à medida que o perverso busca recusar a castração e evitar o incesto, não se pode falar em uma dissolução do complexo de Édipo, mas na idealização encontrada no objeto-fetiche.

Para seguirmos o pensamento de Rosolato (1969) sobre o fetichismo, utilizaremos o termo ‘desmentido’, proposto pelo autor, ao invés de recusa da castração. Porque desmentido refere-se especificamente à constituição do fetichismo e diferencia-

se dos termos negação e denegação, que podem ter interpretações ambíguas, como se já existisse anteriormente um discurso a ser negado. Diferentemente, o desmentido define a presença de discursos contraditórios, garantidos por dois processos psíquicos: o processo primário, que sustenta essa presença contraditória, e a cisão do ego, acompanhada do recalçamento do momento específico do horror à castração. Esse recalçado retorna, porém, de forma erotizada, visando ao prazer através do objeto-fetice (Rosolato, 1969).

Não que o perverso não sofra recalçamento do instante traumático que é o momento do horror à castração. A questão que aponta Rosolato (1969), a partir de Freud (1927/1981), é que o fetiche surge *a posteriori* desse momento. Ao contrário da aceitação da castração encontrada no neurótico, cujo recalçado pode surgir na forma de seus sintomas de conversão, por exemplo, ou nos atos obsessivos em uma neurose obsessiva, sem negar a diferença sexual, no perverso esse retorno do recalçado será efetuado pela via do fetichismo, salvaguardando sua existência subjetiva diante do horror.

É pelo processo de recalçamento referente ao tempo em que ocorreu o desmentido que, no cotidiano, o perverso não nega a diferença sexual. Para Aulagnier (2003), o perverso forjará o discurso “a mãe foi castrada pelo pai” a fim de manter uma contestação diante da diferença sexual. Porém, de forma ilusória, procura manter com esse discurso certa aceitação das diferenças, pois a castração não é real, operada pelo pai, mas originária. Esse discurso acaba retomando novamente um outro, o de que “a mãe tem um pênis”. Ambos os discursos, segundo Rosolato (1969), estão condensados no objeto-fetice.

Sendo estruturante para o perverso, o fetiche torna-se um símbolo suficientemente capaz de impossibilitar sua destruição pela verdade da diferença sexual, e, mais especificamente, da castração. Há um confronto com a lei da diferença sexual e, na busca pelo prazer, o que interessa ao perverso é encontrar o visível (fetiche) no invisível (pênis da mãe). Isso coloca em questão a possibilidade de empreender a intrincada análise do perverso, tendo em vista que ele não abandona seu objeto-fetiche como condição para o prazer, o que dispõe a sua demanda de análise de forma diferenciada do neurótico (Rosolato, 1969).

Não será apenas a conservação da crença de que a mulher possui um pênis o que marca a subjetividade da perversão, mas sua modificação. A criação do fetiche revela uma condição de desamparo bastante específica, cujo mecanismo de defesa maior contra a emergência dessa é a cisão³ de seu ego. Diante do perigo real e intolerável do horror à castração, a incidência de um trauma psíquico se faz efetiva. No conflito entre as pulsões que buscam a satisfação e a interdição vinda da realidade, o menino tem dois caminhos a serem seguidos: ou escolhe a continuidade de sua satisfação proibida, ou a abandona em proveito da lei que lhe é imposta (Freud, 1938[1940] /1981).

Porém, na perversão, ele não escolhe apenas um caminho, mas os dois ao mesmo tempo. Recusa a interdição de sua satisfação, mesmo reconhecendo o perigo (da castração), mas afastando seu temor, cindindo esses dois caminhos que coexistem no ego. Ressalte-se que, na época da escrita de seu trabalho, em 1940, Freud

³ A tradução desse termo na versão portuguesa da obra editada pela Editora Moraes é de cisão. Na obra de Piera Aulagnier (2003), o termo foi traduzido como clivagem. Considerando que se trata das elaborações sobre o mesmo mecanismo em ambos os autores, se preservarão as respectivas traduções. Quando na obra de Freud, também utilizaremos o termo cisão do ego, conforme a edição espanhola, de 1981, da Editora Biblioteca Nueva.

(1938[1940] /1981) já havia desenvolvido a segunda tópica do aparelho psíquico, definindo o ego a partir de sua diferenciação do id, no qual a porção consciente é pequena, tendo em vista sua maior composição inconsciente (Freud, 1923/1981).

Essa cisão é, posteriormente, estruturante do ego, sendo uma marca, um corte profundo que definirá os destinos da libido e o meio de acesso ao prazer. Para Aulagnier (2003), o preço a ser pago será a impossibilidade de ascender ao desejo, promovendo a ritualização da cena na qual se produziu essa clivagem, num retorno ao trauma como condição de satisfação. Permanecendo nessa cena, seus meios de obtenção de prazer se tornam cristalizados, fixos, donde se questionará, inclusive, a presença do amor. Para Clavreul (1969), não há possibilidade de amor no casal perverso, mas apenas de ligação por meio de um contrato pré-estabelecido e imutável.

A cisão do ego vai garantir o desmentido e a emergência de um objeto fetiche.

Este conjunto de cortes, de cisões, encarados em planos diferentes, organiza-se em constelações variadas que deveriam corresponder aos diversos aspectos das perversões, a situar, ao fim e ao cabo, relativamente àquilo a que pode chamar-se narcisismo.

A cisão do Ego perverso, graças ao desmentido aplicado a um tema concreto e central, seria, pois, como uma evocação, uma reprodução organizada, um mecanismo testemunha das divisões do sujeito, corte que é transposto e feito imagem, visualizado e 'objetivado', com o fetiche. (Rosolato, 1969, p. 21. Grifos do autor).

Como monumento ao horror da castração, o fetiche é imutável e traz implicada, para a economia psíquica do perverso, a dor. A dor que fora vivida no momento de horror, relativa à angústia, será convertida na dor como ascensão ao prazer. O discurso perverso está centrado no saber sobre a verdade do gozo, já que ele se encerra na certeza da presença do fetiche. O não-sabido, a diferença sexual como ascensão ao desejo não serão reconhecidos como possibilidade de um prazer que se configura pelo adiamento e pela maior mobilidade dos investimentos libidinais. Pode-se aqui apontar a relação que o fetiche mantém com a manutenção do narcisismo e, com isso, o quanto o perverso acha-se fixado nas fases pré-genitais.

De forma geral, o perverso vai reconstruir o momento da inscrição do corte, da cisão, relacionada à sua dor diante do limite da realidade. Ponto que se torna doloroso e encontra no corolário da transgressão sua busca por ultrapassar esse limite. A dor fere e é sentida como desprazer, mas não o suficiente para impedir sua recusa e sua volta como possibilidade de prazer.

No caso Dany (André, 1995), por exemplo, sua queixa pairava sobre sua decisão de ser ou não ser transexual e a angústia advinda de seu desejo. Gradualmente, revelou ao analista a sua única forma de obtenção de prazer e a dificuldade de encontrar alguém que aceitasse seu contrato. Seu prazer era ser apertado, ter seu corpo amarrado por uma mulher a correntes e cordas até sentir-se enforcado e, pela dor, chegar próximo à morte. Se antes havia dúvida, ou uma não declaração efetiva de seu travestismo, nas sessões finais da análise relatou ao analista ter se afastado do pai e redigido uma narrativa de suas cenas masoquistas. Para André (1995), porém, sua posição subjetiva diante do desejo materno havia se cristalizado e “o fato de ele haver sentido a redação de seu livro como um parto provava que era realmente seu

partejamento pela mãe que continuava por ser reencenado, e que a identificação materna continuava a ser predominante para ele”. (p. 35). Mesmo assim, alguma modificação pôde ser vislumbrada, a de que, “em vez de ser simplesmente masoquista, ele resolveu então consagrar-se a uma tarefa bem mais complexa, a de se afirmar como masoquista”. (p. 35).

Assim, mesmo sem a especificidade do fetiche, as perversões em geral vão seguir os caminhos descritos, mas por outras vias. É o que podemos encontrar no masoquismo, no sadismo, exibicionismo e voyeurismo, cada qual com seus traços estruturais, não deixando de lado a cena que lhes antecede: a do horror à castração.

2.3 LEI E TRANSGRESSÃO

O desafio como elemento constitutivo da estrutura perversa, segundo Aulagnier (2003), estabelece uma ligação entre a lei e o gozo. Revirando a lei da proibição do incesto e da diferença sexual, o perverso forja uma lei de outra ordem para recuperar sua anterior privação.

Eis por que é necessário que se encontre um caminho que una, por um desvio particular, gozo e lei, e que faça do primeiro um artigo do código – o que vai conduzir o gozo a uma estranha aliança com o pecado e a dor e que se precise da dor física ou de algo que recupere a noção de privação. (p. 59).

Diante da mesma questão, Rosolato (1969) afirma que, no perverso, “tudo se passa como se ele tivesse, antes de mais nada, incessantemente, que transgredir uma lei, e como se, além disso, tivesse que a substituir pela lei de seu desejo” (p. 35). Estando no avesso da lei do incesto e da diferença sexual, está pronto a contradizê-las, reafirmando outras regras que determinam seu jogo perverso.

Comparado ao neurótico, que tenta fugir da realidade da castração, mas já por ele internalizada e identificada, o perverso busca fazer desaparecer o obstáculo da castração. Não há do que fugir, pois acredita ser ele quem domina a realidade. Se é apenas pelo fetiche que o perverso ascende ao prazer, ele deverá mostrar, exhibir seu fetiche como causa de desejo, para que o outro também fique fascinado. A sedução, portanto, se torna uma marca registrada da perversão. A transposição da lei vai ao encontro da obtenção de sua renovação narcísica. Sobre o pretexto do amor à verdade, a mentira vai entrar na forma de um jogo. Porém ele não se sente capaz de mentir, dizendo apenas colocar seus pontos de vista. Mas estes são móveis o suficiente para se direcionarem de acordo com qualquer ocasião em que se encontre no poder de modificar as regras. As marcas da sedução e da mentira participarão de sua transgressão.

“Mas que lei é essa a desmentir?” (Rosolato, 1969, p.35). A lei da diferença entre os sexos será seu alvo principal, utilizando, inclusive, o discurso da ciência e mesmo da moral para embasar suas conclusões. É a predominância do pênis como objeto do poder fálico que é exaltada nessa transgressão.

A transgressão incidirá sobre a lei do pai, autoridade particularmente idealizada pelo perverso. Esse pai idealizado é construído pelo perverso e por ele mesmo destronado. Não se refere a um pai simbolizado segundo o complexo de Édipo,

agente da castração, mas de uma figura paterna à revelia do desejo do perverso. A lei do prazer se erguerá contra essa lei paterna idealizada. “O Pai idealizado confunde-se com a lei” (Rosolato, 1969, p. 37) e o prazer será enaltecido como forma de manifestação contra a lei idealizada, na tentativa de matar o pai idealizado.

A figura do pai será envolvida por uma atmosfera mítica e, retroativamente, a imagem materna fálica que é projetada sobre a figura do pai. O pai é colocado como um antes da castração, em um lugar mítico preservado da castração e do tempo, sendo a projeção da onipotência narcísica devida a si mesma pelo perverso. (Aulagnier, 2003).

Com o pai idealizado, a mãe possui um papel de indutora e cúmplice, pois desmente a lei do pai simbolizado. Exemplificando com o caso Dany (André, 1995), a mãe, ao colocar o par de meias femininas escondido debaixo do travesseiro dele, desmente a lei da diferença sexual e abre para a entrada de uma nova lei, idealizada, a de que Dany poderia usufruir do vestuário da mãe até a hora em que o pai chegasse do trabalho em casa. Nesse momento, a mãe dizia “Vá se trocar!” (André, 1995, p. 30) e o enigma de seu sexo ficou fixado no desejo da mãe: ora homem, ora mulher.

Em seus casos clínicos, André (1995) aponta a impostura encenada pelo perverso a fim de incorporar um sujeito onipotente. Essa impostura é “um estereótipo cuja relação com a verdade é enviesada, já que, para ele, não há como se confrontar realmente com a castração e com a diferença sexual” (p. 143), demarcando a transgressão.

A instituição de uma lei diferenciaria o desmentido no perverso e no psicótico, pois ao perverso é possível a construção de uma lei, a que Aulagnier (2003)

denominou de Lei do Legislador Supremo, à qual todos os homens têm o dever de serem devotos. Em Sade, essa posição aparece de forma bastante marcada, à medida que para ele o prazer não é um direito, mas um dever a ser cumprido, custe o que custar. Há uma lei do incesto e há uma lei do gozo. A psicose, diferentemente, não conseguiria internalizar uma lei e estaria “fora da lei”.

A transgressão, para Rosolato (1969), será comparada ao desmentido. O prazer proporciona o desfalecimento do peso da lei e o assassinato do pai idealizado. “Isso supõe uma estreita relação do perverso entre o prazer, o desejo e a lei. Poderia dizer-se que para ele o prazer é o sinal de que sua lei é o desejo.” (Rosolato, 1969, p. 38). A suposta potência fálica que envolve o fetiche para o perverso (é ele quem faz gozar), ou seja, a sua única forma de obtenção de prazer através do fetiche é protegida pelo seu teatro, cujos personagens e relações ele mesmo criou, como lei, para desmentir a castração. Transgride as leis para fazê-las à sua maneira.

De forma geral, as leis são contestadas e testadas pelo saber científico, mas, na perversão, essa contestação não se dá de forma a produzir outro discurso. A transgressão lhe é estrutural e, assim, busca servir à manutenção da recusa da castração. A lei da filiação, como apontou Aulagnier (2003), define um lugar específico do sujeito perante o complexo de Édipo. Contudo, o perverso toma de forma radical essa mudança, centralizando em si mesmo a única verdade. Eis a colocação de um pai idealizado. Para Clavreul (1969), não há ausência, mas recusa de referência do pai.

Após essas elaborações sobre os caminhos percorridos pelo perverso quanto ao horror à castração, é conveniente aprofundar a dimensão do prazer na estrutura perversa, apontando que é no prazer que o perverso garante o sinal de que sua lei é o desejo (Rosolato, 1969).

CAPÍTULO 3

A DIMENSÃO DO PRAZER NA PERVERSÃO

Buscaremos, neste capítulo, elaborar a concepção da dimensão do prazer vivida pelo perverso. Diante dos elementos que compõem o desenvolvimento sexual definindo uma forma específica de estrutura e organização psíquicas, avaliamos essa dimensão do prazer como o percurso desse desenvolvimento sexual, com seus pontos de fixação da libido, narcisismo, recusa da castração, desafio, fetichismo, para a garantia de obtenção do prazer. Esses elementos estruturais possibilitam ao perverso manter um nível de obtenção de prazer diante da intensidade do desprazer sentido no momento do horror à castração.

Na ética e na estética próprias da perversão, conforme Chasseguet-Smirgel (1991), esses elementos se convergem para formar uma nova possibilidade de vivenciar “o laço particular que o perverso mantém com a realidade: os aspectos específicos da perda da realidade que lhe é consubstancial e a forma original da realidade que ela tende a promover.” (p. 9).

A dimensão do prazer será vista, portanto, através das diversificadas formas de prazer da estrutura perversa, com suas especificidades de manifestação no exibicionismo, voyeurismo, sadismo e masoquismo. Para tanto, o exibicionismo será analisado juntamente com o voyeurismo, nas suas articulações com a clínica psicanalítica. Posteriormente, o sadismo e o masoquismo também serão analisados conjuntamente, no propósito de apontar seus diferentes mecanismos na composição da perversão para chegar ao prazer.

3.1 CONTRATO PERVERSO, EXIBICIONISMO E VOYEURISMO

O perverso, se procura uma análise, acaba por interrompê-la em um momento da descoberta das fantasias inconscientes que determinaram sua posição diante de sua própria constituição psíquica, ou seja, no momento de se confrontar com a falta e os determinantes de sua posição perversa. Diante dessa realidade da clínica da perversão, o importante é verificar em quais condições essa interrupção acontece (André, 1995). Nem por isso os psicanalistas deixam de se interessar por essa clínica e muitos são os que empreendem um trabalho de análise nesse sentido.

Para, então, aceitar esse desafio, André (1995) evidencia a posição do analista diante de seu próprio desejo na relação com a impostura do perverso. Segundo o autor, “onde o perverso pára, começa o desejo do analista” (p. 28). Para Aulagnier (2003) e Clavreul (1969), o perverso mantém na clínica a mesma postura que mantém com seus parceiros fora dela, já que faz parte de sua estrutura a recusa da castração e o desafio à lei. Dessa forma, sua impostura é estrutural e sua demanda apresenta decerto alguma intenção que se relaciona com sua incessante busca pelo prazer. Em algum momento, ele pode tentar fazer da cena psicanalítica um lugar para a encenação de sua perversão.

Sendo assim, existe uma forma particular de contrato no qual o perverso assegura a relação com um parceiro que se submeta às cláusulas minuciosamente detalhadas desse contrato, cujo fim é conservar o controle sob o parceiro e sobre o prazer. Caso alguma cláusula seja descumprida, o perverso corre o risco de se ver confrontado com a falta e o desamparo e sofrerá intensa angústia, revivendo o perigo da ameaça de castração. Clavreul (1969) denominou de casal

perverso a relação estabelecida entre indivíduos através de um contrato perverso. É esse contrato que o perverso busca reproduzir na análise.

O contrato perverso é construído fundamentalmente através do olhar materno e seus desdobramentos na posição exibicionista e voyeurista (Clavreul, 1969). No âmbito da análise, o perverso tentará mostrar-se e ser visto, buscando brechas para fazer de seu analista um *voyeur*, sucumbindo-o ao contrato e transformando a relação analista-analisando também na de um casal perverso. O prazer que podemos verificar nesse momento é justamente o do desafio à lei do *setting* analítico: a regra de abstinência do analista.

O contrato perverso é, portanto, uma condição para uma pretensa relação amorosa (Clavreul, 1969). Ele possibilita a instauração de uma lei baseada na recusa da castração, esta humoristicamente ironizada através dos ritos que compõem o contrato (Deleuze, 1983). Nessa lei transgredida, como aponta Rosolato (1969), o perverso busca criar a sua própria, porém a partir da fixação da cena do horror à castração. Esse contrato seria, portanto, um ideal, segundo Deleuze (1983), a projeção de uma idealização que constitui sua própria estrutura.

A busca de efetivação desse contrato na análise, a partir das relações de transferência, é delimitada por André (1995) no Caso Blaise (p. 35-45). Nesse caso, justamente na relação transferencial, Blaise reconheceu e assumiu uma perversão fetichista. No início da análise, os conteúdos de Blaise relacionavam-se a um excesso de angústia, desencadeada pelos sintomas da nefralgia facial sentida já há cinco anos. Nesse momento, sua transferência se pautava por certa submissão à figura do analista, idealizada como um carrasco nas anotações que trazia, comparando-o a figuras animalescas e sugadoras. Ele, Blaise, descrevia sua posição como a de um produto

estragado ou fragmentado. Os momentos de submissão eram antecidos de intensa angústia, demandando do analista um convite acolhedor e gentil de seus conteúdos. Essa submissão, portanto, parecia encobrir a tentativa de Blaise de submeter seu analista a um contrato entre vítima e carrasco, derrubando a lei da abstinência para efetivar uma relação da qual se espera receber aquilo que se demanda.

Nossas sessões de análise, portanto, não eram fáceis de levar, ele a esperar na angústia que eu regesse as suas oferendas, e eu a convidá-lo a falar comigo sem a distância do texto, ou, dito de outra maneira, a se dirigir à minha presença, e não à minha ausência. (...) Blaise ficava dividido entre o terror pânico de que eu me aproximasse dele (para receber o pagamento da sessão e lhe dizer até logo) e a exigência, igualmente exacerbada, de que eu me mostrasse gentil com ele. (André, 1995, p. 37).

Após um ano empreendendo a análise de Blaise, André (1995) pôde compreender tratar-se de uma estrutura perversa. Também a partir desse momento, Blaise, modificando sua transferência marcada pela submissão, pôde revelar as configurações que marcaram sua organização psíquica na relação com o prazer.

Relatou, então, a cena infantil que definiu nele a criação de um objeto-fetice. Aos 7 anos de idade, sentiu-se completamente atraído pela visão de uma garotinha de cerca de 10 anos de idade urinando, tendo lhe marcado especialmente a visão da linha que unia os pequenos lábios de sua vagina. À medida que os anos passaram, qualquer objeto ou lugar que continha uma linha parecida com aquela era motivo para que nela fixasse seu olhar fascinado, masturbando-se logo em seguida.

Sendo casado, exigia que sua mulher se exibisse da mesma forma, proporcionando a visão da linha de sua vagina, a fim de simplesmente contemplá-la. Essa era, pois, a sua única forma de obtenção de prazer. Qualquer diferença nesse ritual provocava nele uma intensa angústia. Buscava também submeter prostitutas a essa mesma condição e, em uma de suas manobras, chegara a sair de sua cidade para comprar revistas pornográficas em que as mulheres expostas combinavam exatamente com sua exigência de contemplação fetichista.

O interessante aqui é evidenciar o quanto o perverso investe em manobras para encontrar exatamente aquilo que fascinou seu olhar e articular, nesse fragmento de caso, a relação entre o fetichismo, o narcisismo e o contrato perverso. Percebe-se que Blaise encontrava-se submetido a um registro narcísico, à medida que seu prazer era modelado pelo fetiche da linha da vagina. Sua necessidade de contemplação apenas, como caminho ao prazer voyeurista, levava-o a buscar um contrato perverso cada vez mais destituído de alteridade. A masturbação confirmava sua preferência auto-erótica, sem contato com aquele que se submete a ser contemplado. Pagando para as prostitutas ou comprando suas próprias revistas pornográficas, reduzia cada vez mais seu contato com outro sujeito, já que ele não servia como meio para a obtenção de prazer. Ele precisava controlar tudo para que nada saísse diferente, sob o risco de ver-se novamente confrontado com a angústia. Assim, a exibição idealizada do objeto garantia sua manifestação voyeurista de prazer.

Repetindo na análise sua posição voyeurista, Blaise (André, 1995) mantinha a distância de seu analista através das anotações que trazia, como forma de bloquear o imprevisto da análise. Contudo, ao mesmo tempo, sugeria ao analista tratá-lo com um pouco mais de apreço.

O perverso se coloca assim em uma posição de recusa do “não-sabido”, prevenindo-se contra o saber do outro. Diferentemente do neurótico, que busca em seu analista o saber sobre o desejo, supondo que o analista saiba a respeito dele, o perverso acredita ser o detentor da verdade (Clavreul, 1969).

Com uma transferência aparentemente neurótica ao analista, o perverso acaba encenando, através de sua própria fala, as intenções de seu contrato perverso. Não é por acaso que, ao escutá-lo, experimenta-se “uma impressão de indecência; sempre nos sentimos um pouco violados em seu discurso” (André, 1995, p. 43). Tal condição parece especificar o tipo de transferência do perverso, que comparecerá à cena psicanalítica marcada pelo desafio. Com isso, verifica-se que as dificuldades encontradas na clínica da perversão estão justamente assentadas nos elementos que compõem a estrutura perversa: a recusa e o desafio (Aulagnier, 2003).

O argumento aqui proposto é o de que o perverso, através de sua impostura, tenta instaurar uma forma de contrato com seu analista que o transforme em seu parceiro, com o objetivo de satisfazer suas demandas. Contudo, diante dessa tentativa, confrontam-se o desejo do perverso com o desejo do analista. O desejo do analista que André (1995) discute não é o de formar um par com o perverso, mas de barrar esse gozo, mantendo-se em uma posição de insatisfação.

Como o desejo do perverso está fundado na recusa da castração, ele procura fazer do analista seu cúmplice, desafiando a todo tempo a sua regra de abstinência pela via do contrato perverso. Mas o desejo do analista, cujo caminho já foi percorrido em sua análise pessoal, será diferenciado do perverso, à medida que houve a interdição pelo complexo de Édipo e, criando uma barreira contra o gozo, é capaz de permanecer insatisfeito.

Nesse sentido, a tentativa de Blaise (André, 1995) em formar uma aliança perversa com seu analista, quando insatisfeita, promoveu o fim de sua análise. Para André (1995), a articulação entre a transferência e a perversão evidencia a modificação estrutural que se produz no perverso: a transformação de sua intensa angústia inicial pelo “triunfo do fetiche”, revelando, assim, a recusa da castração subjacente ao próprio fetiche.

Com isso, retomamos a condição de constituição da estrutura perversa a partir da sedução materna, mais especificamente sobre seu olhar cúmplice diante da recusa de castração no momento da descoberta da diferença sexual. Esse olhar culminará nas posteriores determinações do contrato perverso, que, em suas cláusulas, buscará reviver uma confirmação desse olhar materno de cumplicidade (Clavreul, 1969).

Não é por acaso que o menino acha-se diante da cena da descoberta da diferença sexual (Clavreul, 1969). O desejo de ver (atrelado ao desejo de saber), ainda sob o regime do princípio do prazer, impulsiona o menino para esse momento. Empreendendo a recusa da castração, o olhar da mãe que confirma a recusa engana sobre o saber da sexualidade, sobre a falta constitutiva do sujeito como ascensão ao desejo. Esse olhar enganador é fixado pelo perverso e perdura na busca posterior de outro olhar que da mesma forma seja cúmplice. “Assim, se compreende a importância que o olhar da mãe pode ter. Decerto porque é o expectador do jovem perverso no momento histórico, decisivo, da descoberta.” (Clavreul, 1969, p. 112). Ainda, na relação entre o narcisismo e a idealização materna, encontra-se “essa imagem idealizada de mãe todo-poderosa, cujo olhar terá sempre para ele a função de espelho onde lhe é presentificado seu próprio ego especular.” (Aulagnier, 2003, p. 58).

A sedução materna, portanto, através desse olhar cúmplice, desemboca na estruturação das posteriores demandas perversas de olhar e ser visto, na sua vertente voyeurista e exibicionista. A busca é por um olhar fascinado de seu parceiro que confirme a verdade de ilusão mantida pelo perverso.

3.2 MASOQUISMO E SADISMO: DELEUZE E A VÊNUS DAS PELES

Leopold Sacher-Masoch (1836-1895) inicia a publicação de seus trabalhos em 1870. Sua literatura está permeada do místico, do folclore, do político e da perversão, que, misturados, formam um corpo teórico marcado pelo suspense e persuasão dos personagens entre si. Na sua vida cotidiana, as chicotadas de uma mulher-carrasco, o contrato de prostituição e a busca por fetiches fizeram de seu nome a definição de uma perversão, elaborada pelo psiquiatra Krafft-Ebing.

Na análise sobre o masoquismo em Masoch, Deleuze (1983) – filósofo francês – buscou apontar a diferença existente entre a estrutura perversa constituída pelo sadismo e a constituída pelo masoquismo. O ponto de partida de Deleuze (1983) é a obra de Masoch intitulada *A Vênus das peles*, publicada pela primeira vez em 1870. Para empreender sua análise, afirma não haver entre o sadismo e o masoquismo uma complementaridade intrínseca, formando uma unidade sadomasoquista. Tampouco o sadismo se resume na prática de infligir dor no outro, e o masoquismo, o de receber essa violência do sádico. Por detrás desses comportamentos, o que se encontra são elementos complexos de constituição psíquica.

Segundo Deleuze (1983), existe um mundo próprio ao masoquista e outro ao sádico. Não há uma transformação de um no outro, já que a vítima do sádico não é masoquista. A vítima já é parte integrante da situação sádica. A mulher-carrasco é um elemento próprio ao masoquismo e não é sádica, nem mesmo masoquista. Não há um masoquista procurando um sádico ou um sádico procurando um masoquista para juntos investirem em suas formas particulares de prazer. “Cada pessoa de uma perversão só precisa do ‘elemento’ da mesma perversão, e não de uma pessoa de outra perversão” (Deleuze, 1983, p.40). Diante das especificidades dessas duas formas, a dimensão do prazer também irá diferenciar-se em alguns elementos, porém mantendo o que é estrutural na perversão: a recusa da castração e da diferença sexual e o desafio à lei (Aulagnier, 2003).

A obra de arte e, nesse caso, a literatura, foi constantemente utilizada na história dos desenvolvimentos da psicanálise. Freud, em seus artigos, utiliza a literatura para compreender as organizações psíquicas e desenvolver suas elaborações. Para Deleuze (1983), a literatura serve como suporte essencial na nomeação do mundo, acolhendo todo o seu excesso e violência e transformando-os em linguagem. Especialmente as literaturas de Sade e Masoch exprimem a erotização dessa violência. Todo o cenário social e político é erotizado, fazendo com que todas as forças da natureza e do homem possam convergir para esse fim.

A relação que se estabelece entre a violência, a sexualidade e o prazer será apreendida nas especificidades dessas duas formas de perversão. Tanto na literatura sadiana como na de Masoch, a linguagem está marcada por uma violência. Em Sade, nas descrições pormenorizadas das cenas de incesto, adultério, paixões e extravagâncias sexuais e, em Masoch, pela atmosfera coberta de suspense, de mítica e

persuasão. Para a construção dessa linguagem, dois personagens são fundamentais e condensam a forma com que Sade (citado por Deleuze, 1983) e Masoch constroem suas manifestações perversas. Em Sade, tem-se a figura do libertino cruel e, em Masoch, a mulher-carrasco (Deleuze, 1983).

A violência erotizada e sintetizada na mulher-carrasco de Masoch se comporá de dois momentos. O primeiro deles será o do suspense, o de uma parada no tempo antes da realização de qualquer ato perverso. Para isso, deverá ser apresentado um contrato previamente detalhado com a promessa futura de sua total realização. O segundo momento será a encenação da violência despótica na cena masoquista propriamente dita, e os dois momentos estão imersos em uma atmosfera de sensualidade. Para isso, segundo Deleuze (1983), fazem parte dos recursos utilizados pelo masoquista para a conquista de uma mulher-carrasco os anúncios de jornal, as cartas anônimas e os pseudônimos, a fim de persuadi-la a aceitar o contrato perverso.

O cenário onde encenam sua história os personagens masoquistas Severino e Wanda, de *A Vênus das peles*, é construído por Masoch (Deleuze, 1983) levando em consideração a contraposição entre o frio e o calor. A estátua de mármore Vênus compõe o ambiente através de quadros ou de lembranças de sua figura na narrativa dos personagens. Essa estátua é vislumbrada como um ideal de mulher-carrasco para o homem, condensando duas características fundamentais: a frieza e a crueldade. Ressalte-se que Severino é o masoquista e Wanda, a mulher-carrasco persuadida a compartilhar com Severino o contrato perverso. Wanda será comparada à estátua da Vênus e, adornada com suas peles, buscará cobrir o corpo do frio (Deleuze, 1983). Assim, verifica-se conservar o masoquismo a presença da contradição entre a frieza e o calor, este representado nas peles e no sentimentalismo do suspense.

A relação entre prazer e dor no masoquismo será acompanhada, portanto, dessa mistura entre a frieza e o sentimentalismo do tempo suspenso. Mediante uma pausa, a dor é esperada para ao fim obter o prazer tão esperado (Deleuze, 1983). Assim, o masoquismo se definirá por essa passagem da espera da dor e o contrato terá uma importância fundamental na economia libidinal da perversão masoquista. As cláusulas do contrato não se resumem no receber a dor que vem de sua parceira-carrasco. Como afirmamos, esse é apenas o segundo momento. As cláusulas devem conter um manejo erótico, minuciosamente articulado, da trajetória do casal perverso, de forma a manter uma idealização do objeto e do real, segundo Deleuze (1983).

O masoquista espera o prazer como algo que está essencialmente atrasado, e espera (supõe) a dor como uma condição que torna enfim possível (física e moralmente) a vinda do prazer. Ele recua então o prazer todo o tempo necessário para que uma dor, ela própria esperada, o torne permitido. A angústia masoquista toma aqui a dupla determinação de esperar infinitamente o prazer, mas esperando (supondo) intensamente a dor” (Deleuze, 1983, p. 78-79).

O contrato perverso como caminho para o prazer será, portanto, definido pelo masoquista. É ele quem sustenta a espera e a intensidade da dor. Tanto que Severino propõe a Wanda, em uma das passagens da obra citada por Deleuze (1983), que faça dele não mais do que um objeto, um brinquedo a ser manipulado e chicoteado, sem qualquer direito. Um dos objetos dos quais ela deveria sempre se utilizar eram as peles, para cobrir seu corpo e estimular ainda mais a sua crueldade.

Para Deleuze (1983), o fetichismo, em sua estruturação, será marcadamente masoquista. Sua composição é efetivada em três momentos. O primeiro é o da recusa da castração da mãe, seguido pelo momento de defesa contra a cena da descoberta da diferença sexual, buscando neutralizar e suspender a percepção dessa ausência. O terceiro momento é o da proteção conseguida pela emergência do fetiche. A construção idealizada do fetiche garante a manutenção da suspensão do reconhecimento da realidade da ausência do pênis da mãe e retorna ao momento do horror à castração, ponto de partida da constituição da estrutura perversa.

O fetiche não seria de forma alguma um símbolo, mas seria como um plano fixo e estático, uma imagem parada, uma foto a que voltássemos sempre para conjurar as conseqüências importunas do movimento, as descobertas importunas de uma exploração: ele representa o último momento em que se podia ainda acreditar. (Deleuze, 1983, p. 34).

Esse é o momento em que o perverso suspende a realidade da diferença sexual através da recusa e protegido pela cisão do ego. Essa cisão visa manter, de um lado, a suspensão do conhecimento da realidade, e, de outro, sua sustentação pelo ideal criado pelo fetichismo. Nesse sentido, o fetiche como suspensão do real será estruturante da posição masoquista da perversão, enquanto é apenas componente secundário no sadismo.

No sadismo, o fetiche será utilizado como instrumento, perdendo sua característica de suspensão do instante do horror à castração. Diferentemente do suspense, no sadismo, a recusa da castração constituirá um campo delimitado pela aceleração e condensação sádicas. Na figura do libertino cruel, as vítimas não são

persuadidas a participar de um contrato anteriormente estabelecido, como no masoquismo. Ao contrário, às vítimas é negligenciado qualquer tipo de aproximação afetuosa, de negociações, de inspiração poética, ou mesmo de prazeres (Deleuze, 1983). Essa é a condensação, tendo em vista que nada dispersa o sádico da violência que deve praticar. Ele deve acelerar sua violência para que não corra o risco de envolver-se com outros elementos.

Para Deleuze (1983), essas aceleração e condensação presentes no sadismo referem-se a uma apatia estruturante, na qual se apresenta a negação do próprio ego. O prazer no sadismo está em negar duas naturezas: a natureza interna, do ego, e a natureza externa. A primeira é uma natureza construída na experiência, enquanto a segunda o é pelo pensamento, idealizada, pois não se conhece a totalidade de uma natureza original. Essa seria a “negação pura”. (Deleuze, 1983, p. 29).

O prazer da negação da própria natureza nos remete à transgressão da lei, seja ela qual for, mas cuja essência é a recusa da castração. Essa negação se dará a partir da destruição ou da desordem, à medida que sucumbem a criação e a ordem, para formar novas leis. A aceleração e a condensação para o perverso sádico demonstram a forma como ele recusa a castração, sob a égide do tempo atemporal. Se não há um marco no qual o sujeito se constitui enquanto desejante, o perverso atua de forma a recusar as diferenças do tempo, os intervalos, os descompassos de uma temporalidade subjetiva. Isso garante a monotonia do tempo, segundo Helsinger (1996), e a homogeneização do tempo promove também a homogeneização dos indivíduos e, mais especificamente, das vítimas, retirando assim qualquer sentimentalismo, as vítimas sendo tratadas como objetos passíveis, como outro qualquer, de destruição e violação. Anula-se, assim, a possibilidade de qualquer diferença e destitui-se a alteridade. Goza-

se do tempo, goza-se da diferença sexual, goza-se da lei e até mesmo da natureza (Helsing, 1996).

Sob o tempo, ‘ao mesmo tempo’ do gozo, a suspensão das diferenças e suas recusas, a paixão de desafiar, homogeneizar, nivelar, anular as diferenças dos úmidos orifícios, rápidos, parceiros, vários como puro instrumentos velozes de gozo, sem diferir, nem por, a não ser por em ato o gozar, e aceleradamente: ao mesmo tempo e o mesmo do tempo, que domina e é dominado, enquanto o tempo do gozo é gozo do tempo mesmo, ao mesmo tempo. (Helsing, 1996, p. 149-150).

À medida que o sadismo comporta uma aceleração do tempo, a suspensão no masoquismo expande o tempo, elevando ao máximo o sofrimento que antecede o prazer junto de sua mulher-carrasco. Por isso, a mulher em Masoch será exaltada como a figura feminina por excelência, bela, sedutora e cruel. Em Sade, ela deve ser denegrada e prostituída (Helsing, 1996).

Essa condição no masoquismo desencadeará um tipo de prazer baseado na expiação pelo castigo da mulher-carrasco (Deleuze, 1983). O castigo mediará a relação entre a expiação e o prazer, à medida que todos convergem para o alívio de tensão pulsional cujo antecedente é o sofrimento. Elevar ao máximo o sofrimento implica, portanto, também elevar ao máximo o prazer.

Seguindo as considerações de Deleuze (1983), podemos articular a correspondência entre a mulher-carrasco, estátua de Vênus, deusa do amor e da frieza, com a imagem materna propriamente masoquista. A contradição fria e maternal compõe a imagem materna pautada pelo tipo descrito por Deleuze (1983) como mãe oral, nutriz

e portadora da morte. É a imagem de uma mãe que, ao mesmo tempo, alimenta e acalenta seu filho, devorando-o com sua sedução e direcionando-o para a morte.

Já a figura paterna, atravessada pela relação do filho com a mãe oral, nutriz e sedutora, será anulada. Não há lugar para um terceiro e ele só será convocado pelo casal perverso masoquista para ser novamente anulado (Deleuze, 1983). A devoção à imagem da mãe nutriz retorna na correspondente figura idealizada da mulher-carrasco.

No sadismo, diferentemente, essas relações parentais se definirão a partir da negação da mãe e da colocação do pai acima da lei. Como a mulher é degradada, símbolo do pecado e da prostituição, seu lugar é o de ser negada, havendo um rompimento da relação mãe-filho em proveito da inflação do pai (Deleuze, 1983). Tem se aqui a noção de pai idealizado e sua posição mística, segundo Rosolato (1969).

Essas configurações das figuras parentais retomam a argumentação de Aulagnier (2003) de que não há, na perversão, a dissolução do complexo de Édipo, embora talvez possamos falar de uma transgressão do complexo de Édipo na estrutura perversa.

Utilizando o conceito freudiano de pulsão, Deleuze (1983) afirma ser o dualismo pulsional teorizado por Freud a confirmação da impossibilidade de existência da unidade sadomasoquista, já que não existe uma transformação direta entre as pulsões. As duas concepções do dualismo pulsional em Freud a que Deleuze (1983) se refere são o dualismo entre pulsões sexuais e pulsões do ego e o dualismo entre pulsão de vida e pulsão de morte. Elas podem apenas manter certas combinações a partir de certa quantidade de energia livre e móvel, que culmina nas conciliações posteriores entre as pulsões.

Enfim, nosso propósito foi percorrer as considerações de Deleuze (1983) sobre a perversão com suas manifestações no sadismo e no masoquismo, demonstrando as especificidades próprias de cada um. Verifica-se que há uma lacuna entre essas duas perversões básicas que não deve ser preenchida. A fertilidade buscada na literatura de Sade e Masoch possibilita revelar sintomas e signos específicos que definem uma concepção de homem, de cultura, de natureza.

CAPÍTULO 4

PERVERSÃO, CLÍNICA E CULTURA

A construção da psicanálise por Freud na virada do século XX só foi possível a partir do momento em ele propôs uma nova forma para compreender o humano e seus conflitos. Distanciou-se de uma tradição positivista nas ciências humanas em que a observação do comportamento, a quantificação, a verificação e a explicação dos resultados eram as molas mestras do fazer científico, e, atribuiu o inconsciente como pilar para o fazer psicanalítico.

Estavam em questão para ele a história de vida de seus pacientes, aquilo que lhes deixavam marcas, havia causado traumas ainda silenciados, sem simbolização. Eram as fantasias, as defesas, os mecanismos que apareciam nos seus discursos ao dizerem de seus sofrimentos. O sintoma expresso, seja na conversão histerica ou no ritual compulsivo, não dava conta das articulações intermináveis em que o psíquico operava. Era preciso ir além do visto e escutar o que estava por detrás do sintoma.

A partir de seu trabalho clínico, na perspectiva de uma escuta engajada com as formações do inconsciente, Freud definiu a psicanálise como método de tratamento e método de investigação do funcionamento psíquico. Nesse sentido, prática clínica e fundamentação teórica passaram a se entrelaçar, formando uma totalidade na qual podemos encontrar o método psicanalítico. Contudo, como aponta Herrmann (2004), esse entrelaçamento não se deu (e não se dá) de forma harmônica. Por um lado, a prática faz movimentar a teoria, questionando-a em seus fundamentos e relações

conceituais, da mesma forma que a teoria faz avançar a prática clínica, possibilitando delimitar e transmitir sua experiência.

Neste quarto capítulo, portanto, seguindo uma perspectiva baseada no método psicanalítico proposto por Freud, buscaremos compreender, a partir das articulações teóricas realizadas, dois casos clínicos atendidos no Centro de Internação para Adolescentes da cidade de Goiânia.

4.1 O OLHAR, O SABER E A PERVERSÃO EM MARCELO

Marcelo⁴ contava com 17 anos em março de 2010, quando foi internado por período indeterminado devido a várias práticas de roubos, uso de drogas e suspeita de participar do homicídio de um grupo de homossexuais na cidade, utilizando-se de meios cruéis.

Sua mãe residia em uma pequena cidade do interior e há 1 ano Marcelo resolvera sair de casa e morar sozinho na capital: “Eu detesto cidade do interior. Todo mundo se conhece, não tem nenhuma pessoa diferente. As pessoas

⁴ Marcelo (nome fictício) iniciou o atendimento em 23 de março de 2010 e finalizou-o em 10 de maio de 2010. Os atendimentos foram realizados uma vez por semana, ao todo em oito sessões de 50 minutos cada uma. Marcelo, anteriormente, desde fevereiro de 2010, já havia cumprido 45 dias de internação em outra instituição. Seu prazo fora prorrogado (por tempo indeterminado, mas, no máximo, por 3 anos, conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA) pela Juíza da Infância e Juventude de sua cidade natal. Foi, então, removido para o Centro de Internação em Goiânia. Segundo ele, a Juíza havia justificado o prolongamento de seu período de internação apenas para sua mãe, afirmando ser ele um “psicopata”. Para ele, isso não mudava em nada o que pensava de si mesmo e já sabia exatamente o que deveria fazer de sua vida. A internação só o atrapalharia a pôr em prática as boas intenções planejadas, como ajudar sua mãe e convencê-la a mudar-se para a capital. Justificava suas práticas como “tentações do diabo” e sua fraqueza como se submeter “aos pecados da carne”, estes considerados mulheres, drogas, prostituição e ambição financeira. Os relatos das sessões encontram-se formalizados no prontuário individual da instituição bem como nas anotações extras feitas por mim ao término das sessões, em material pessoal.

pensam pequeno. Aqui na capital toda hora a gente conhece pessoas com personalidades diferentes.” Nesse período, iniciou a atividade de garoto de programa e acreditava ser bastante cobiçado pela beleza e sedução que possuía.

Não sabia exatamente por que estava sendo novamente internado. Negava o homicídio e afirmava que seu nome havia sido citado como participante pelo ciúme enlouquecido de um de seus amantes policiais. Dizia-se naturalmente sedutor e não ter culpa de acabar sendo, ou pelo menos buscando ser, o centro das atenções nas festas ou qualquer outro lugar em que houvesse público para seu exibicionismo. Isso irritava alguns, o que para ele era apenas mais uma confirmação de que sua *performance* funcionava. Dançava qualquer tipo de música, conversava sobre qualquer assunto, buscando manter o olhar de seu interlocutor sobre ele.

Em todo caso, tinha preferência por certo tipo de olhar admirado de sua inteligência e beleza. Um olhar seguro, como o de seu pai. Desde a infância, buscava ser admirado pelo pai, nem tanto pela mãe. Esta bastava ser cúmplice e ficar de olhos bem fechados para as suas particularidades sexuais. Era com o pai que passava a maior parte do tempo, tendo, após a morte deste, buscado, de forma intensa e compulsiva, a companhia de homens mais velhos que também o admirassem com aquele olhar.

O pai havia morrido há dois anos, em acidente de trânsito. Para ele demorou muito, quase 1 ano, para confrontar-se com essa realidade: “Fiquei em silêncio sobre ele durante todo esse tempo, mas, depois de 1 ano, caí na real da morte do meu pai”.

Esse reconhecimento estabeleceu para ele um profundo vazio, já que o relacionamento com o pai era perfeito e intenso e, após a morte paterna, sua tentativa

era de viver como se o pai ainda se fizesse presente. No ambiente familiar, a presença de sua mãe, chorando pelos cantos e sem saber o que fazer na falta do marido, irritava-o e fazia-o também pensar em sua própria impotência diante das conseqüências da morte do pai. Quando este estava vivo, as condições financeiras eram boas e Marcelo dispunha de algumas regalias.

No intervalo de tempo entre o reconhecimento da morte do pai e sua internação, havia desferido em sua mãe um golpe de facada. Não sabe ao certo se a intenção era matá-la. A questão era que, enquanto ele buscava esquecer a realidade da morte do pai, a mãe o fazia lembrar-se dela no choro e nas reclamações de como pagar as dívidas que chegavam. Segundo ele, ao vê-la muito desesperada, buscou acabar logo com esse sofrimento: “Nem sei por que fiz isso, foi um jeito de fazer ela parar de sofrer. Mas no fundo não sei, *foi do nada*. Talvez eu falo que foi por ela pra justificar, mas não foi não.”

Esse *nada* como justificativa de Marcelo para não tolerar a realidade da impotência materna nos remete a duas questões para propor uma interpretação: seria a tentativa de anular uma imagem da mãe não-fálica que não havia lhe dado nada do que o pai potente e idealizado conseguia lhe proporcionar? Ou a recusa da visão do *nada* em que havia se tornado sua mãe naquele momento?

Segundo Rosolato (1969), se a figura do pai comparece para o perverso, ela é somente como a de um pai idealizado, criado por ele, à custa do desmentido. Marcelo, desde o início, apontava para a construção da imagem de um pai perfeito, divertido, preferindo sua companhia à da sua mãe. O discurso paterno se mostrava potente para Marcelo, pois lançava constantemente uma proibição ao filho que era encarada por Marcelo como um desafio a ser conquistado. Adorava os pequenos

desafios que travava com seu pai, já que, vencendo-os de forma sedutora, era objeto de um olhar admirado de sua inteligência. Ganhava sempre um canto na cama do casal quando se sentia vencedor.

Ao contrário, o discurso de sua mãe era considerado frágil, sem sustentação. Era fácil escapar das exigências dela, acobertado no final pelo pai. Assim, sem a presença do pai, a família havia saído da perfeição em que a acreditava Marcelo: “Você sabe, como psicóloga, que o menino tem mais afinidade com o pai, enquanto a menina com a mãe. É isso que é o natural. Eu perdi a minha referência quando meu pai morreu, perdi meu padrão de vida. Eu tinha que ser o homem da casa, mas eu não queria isso.”

Contudo, essa construção idealizada do pai remete à anterior imagem da mãe-fálica que perdura como representação do “supremo saber” (Aulagnier, 2003). Assim, também a imagem paterna estará permeada do ideal de saber que outrora foi concedido à mãe. O *nada* representava para Marcelo um não-sabido, que era insuportável como referência, já que, com o pai, afirmava nunca ter sentido a falta de nada. Seu pai, como afirmava, era tudo.

Para Deleuze (1983), a colocação do pai acima da lei e a negação da mãe constituem uma posição sádica no perverso. O pai como potência diante do *nada* materno pertence à primeira natureza, que só pode existir no ideal e é a própria destruição. Ele pode assassinar e prostituir seus filhos, pois está acima da lei (e não fora dela). A mãe pertence à segunda natureza, já modificada pelas relações da experiência real e, por isso, deverá ser negada.

No discurso de Marcelo, havia uma predileção em jogar com e manipular qualquer pessoa: “Olha só, você não gosta de manipular os outros? Você é

sempre real assim? Mas estou gostando de ficar aqui com você, porque é muito inteligente, como eu. Assim podemos nos entender...você gosta desse jogo de palavras!” Marcelo me interroga quanto ao meu desejo, e principalmente, quanto ao meu desejo por ele. Se alguma intervenção estava posta, ele acreditava fazer parte “desse jogo de palavras”.

Marcelo diz nada querer saber de si, pois já sabia de tudo. Não tinha conflitos e apenas iria me ver por uma regra institucional. Ao mesmo tempo, estando preso àquele local, buscava constantemente ser admirado por suas idéias e por quanto conhecimento tinha da vida. Contou-me de alguns desencontros amorosos com garotas da escola, definindo o amor como uma difícil tarefa para o ser humano. Ao mesmo tempo, falava do amor como se soubesse exatamente o que era necessário para vivê-lo. Para Clavreul (1969), o perverso, ao falar do amor, apresenta as mais refinadas definições, mas não consegue realmente amar. A tentativa de vinculação amorosa, ou o pretexto amoroso, segundo Clavreul (1969), só lhe será possível através de um contrato. Da mesma forma, na análise, ele tentará vincular-se ao analista através do contrato. Porém, ao analista cabe manter essa demanda insatisfeita, garantindo o prosseguimento da análise sem formar com ele um casal perverso.

À medida que os atendimentos se davam, Marcelo passou a pedir-me que arrancasse algo dele, o que eu quisesse saber, em nome da psicologia. Ele poderia contribuir para enriquecer minha posição, meu trabalho, com os conhecimentos que tinha. Com isso, ele buscava converter-se naquele que sabe do desejo e não em desejar saber sobre ele (diferentemente do neurótico que, ao procurar a análise, acredita ser o analista detentor do saber sobre seu desejo) (André, 1995). A recusa do não sabido implica uma posição subjetiva na qual a recusa da falta, da castração está presente. Esse

polo se assenta sobre as bases de um funcionamento psíquico narcísico, sem alteridade, demarcando um caminho de análise no qual se recusa o não saber. O perverso tomará este saber (de recusa) como a verdade (Clavreul, 1969). A dificuldade do perverso em permanecer em análise, ou mesmo de procurá-la e nela se engajar, deve-se à sua própria organização psíquica.

Depois de algumas sessões, Marcelo falou de incômodos fortuitos, que, quem sabe, eu poderia ajudá-lo a resolver. Poderia até dizer de algo misterioso dele, mas com a condição de que nada pudesse ser modificado, mantendo seus segredos e suas idealizações. Ele queria exhibir suas aventuras, sob o pretexto de estar vivendo em um mundo onde se portava como “um louco consciente”, dizia: “Não sou normal, mas um louco consciente. Sabe o que é isso? Vou te contar como é, aos poucos, mas só pra você *ver* como é, não quero mudar nada do que sou.” A tentativa de estabelecer seu contrato perverso estava agora sobre as bases de ver e ser visto, sem que nada pudesse ser modificado. Contaria a mim seus segredos, contanto que me fizesse de expectadora e visse, com olhos admirados, “a sua loucura”, que afirmava ser muito interessante. Nessas demandas do perverso, deparamo-nos com alguns questionamentos que nos remetem ao elemento do desafio proposto por Aulagnier (2003): no escândalo e no espetáculo proporcionado pelo perverso, revela-se mesmo seu desafio diante do real, da lei que organiza a realidade.

“Tem uma loucura que é loucura mesmo! Aquela, das pessoas que vivem fora da realidade, criam um mundo, mas nem sabem como fazem isso. Esses vão parar no psiquiatra. A minha não, eu sei do que quero e faço. Nunca fui a um psiquiatra ou psicólogo por vontade própria. Não preciso disso.” A recusa da castração vai incidir também na forma como o perverso lida com a realidade, isto é, a forma com que

mantém uma ligação com as leis que estabelecem os padrões de uma determinada cultura. Com isso, as leis a serem desafiadas e transgredidas referem-se justamente a provocar uma desordem e promover outra ordem, ao gosto de seu próprio desejo. Assim, essa loucura consciente a que se refere Marcelo nos diz de sua impostura diante do mundo. A loucura como algo que lhe é próprio, criado a partir de sua lógica, mas consciente, porque é por ele sabida.

O perverso irá buscar junto de nós uma proteção contra os eventuais incômodos médico-legais, procurando reduzir-nos ao papel cúmplice do protetor? Ou procurará antes provar a sua boa vontade aos olhos terceiros? Virá na sua análise procurar imagens escabrosas aptas a melhorarem a vulgaridade das suas práticas perversa? Ou então, ainda, quererá desembaraçar-se de uma qualquer perturbação incômoda, mantendo-se firmemente decidido a não modificar em nada do essencial? (Clavreul, 1969, p. 115).

Interrogando o desafio de Marcelo diante de seu pedido, compreende-se a sua tentativa de fazer de seu analista, e de qualquer um que dele se aproxime, o cúmplice de seus atos. Não para produzir uma modificação subjetiva, mas para envolver o outro na cena exibicionista de sua posição.

Essa abertura para o não-saber é que codifica um segredo contratual para o perverso. Nada de modificações. Novamente, tomamos a cena em que *nada* incomoda Marcelo. O reconhecimento da castração se faz à custa de lutas interiores e define uma posição subjetiva do menino frente a um pênis, que é seu, e a ausência deste na mãe. O menino já havia buscado certo tipo de saber sobre o sexo na universalidade do pênis, mas era um saber errôneo (Clavreul, 1969). O momento do horror à castração

é, então, convertido no triunfo do não-sabido, revertendo o desejo de saber em um “já sabido”.

Com um forte poder argumentativo, o discurso do perverso acaba servindo para seu próprio enaltecimento, buscando fazer do analista um expectador. O analista mantém, contudo, a insatisfação dessa demanda como parte dos pressupostos da prática analítica, mas, na maioria das vezes, o perverso para nesse momento. Clavreul (1969) compreende que a aceitação de um perverso na análise implica para o analista uma série de precauções. Contudo, essas precauções devem ser vistas de forma crítica. O analista só se sentirá ameaçado à medida que venha a se sentir também ameaçado em sua posição subjetiva, em sua ambigüidade perversa.

Em maio de 2010, ao finalizar o trabalho com Marcelo, pois terminava o meu vínculo de trabalho com a instituição, insistentemente ele me pediu que eu o classificasse diante do mundo: “O que você acha de mim? Me diga o que sou. Não é possível que eu sou só mais um adolescente internado pra você. Se for, você também só será mais uma psicóloga pela qual passei. Quero que você me classifique. Eu sei, mas... quero que você me diga.” Compreende-se que a demanda de Marcelo por uma classificação revelava a busca de mais uma confirmação de seu narcisismo frente ao olhar do outro, pois segundo ele, ele “já sabe[ia]” sobre o que suplantava seu prazer e suas práticas perversas.

4.2 CASO BETO: DESTINOS DA PERVERSÃO NA CULTURA

Para Birman (2007a), na compreensão das formas contemporâneas de subjetivação a contribuição da psicanálise tornou-se fundamental, porque seu estatuto

maior está no advento da existência do inconsciente como determinante do sujeito e da cultura.

Recorrendo às postulações de Freud (1929[1930] /1981), compreende-se que as organizações culturais podem ser analisadas segundo um paralelo com as organizações psíquicas. A cultura vai se formar justamente pela renúncia aos desejos incestuosos, de assassinato, e isso só será possível mediante a interdição psíquica obtida através do recalque. Contudo, essa renúncia deixa atrás de si uma quantidade de mal-estar (sofrimento e decepções pelo esforço empreendido), que pode se tornar uma agressividade voltada para a destruição. Há a necessidade, portanto, de satisfações substitutivas, encontradas nas mais diversas atividades humanas – na arte, no uso de drogas, na religião – e, como aponta Birman (2007a), o perverso não está fora dessa necessidade, apesar de não confessá-la, mas manifestar o quanto lhe é prazeroso possuí-la. O fetichismo é exemplo disso.

A religião, outro exemplo, com seus ritos e crenças, pode ser comparada aos atos ritualísticos obsessivos, cujo objetivo é manter a renúncia pulsional. Na neurose obsessiva, há uma religião particular a fim de proteger as leis e o interdito. O lugar que a religião mantém na cultura marca, portanto, as condições de desenvolvimento da civilização diante do mal-estar que acompanha a renúncia pulsional.

Chasseguet-Smirgel (1991) compreende que o perverso mantém uma “religião do diabo”, cujos ritos repetitivos remetem aos traços de um culto sexual primitivo, no qual a lei deve ser revirada de cabeça para baixo. Já Rosolato (1969) afirma haver uma aproximação entre a perversão e a ideologia da gnose, cujo elemento comum seria o tempo místico como fundamento da soberania do homem, produzindo

um retorno a uma natureza atemporal. O fetichismo cumpre essa função à medida que torna suspenso o momento do horror à castração, bem como admite a idealização do pai como onipotente, para além do tempo e das leis.

A arte como produção cultural é vislumbrada como possibilidade de entendermos as formas de funcionamento psíquico de um indivíduo ou de um grupo, como faz Deleuze (1981) ao analisar a obra de Masoch e de Sade na busca da compreensão de uma ordem sexual perversa.

Assim, a relação entre as produções culturais e o funcionamento psíquico demonstra posições diferenciadas de ligação com a cultura na perversão assim como na neurose e na psicose. A transgressão parece apontar para essa relação que o perverso procura manter com a lei, pois, conhecendo-a, prefere desafiá-la. Da mesma forma, a dimensão do prazer na perversão será delimitada de acordo com essa relação.

Seguindo as considerações de Birman (2007a) referentes à relação da perversão com a cultura, compreende-se que a estrutura perversa seria a expressão da organização socioeconômica de nossa sociedade moderna. Nessa organização, privilegiam-se as formas de trabalho que visam ao lucro, ao individualismo e à extração do tempo. Segundo a famosa expressão norte-americana *time is money*, o tempo deve ser aproveitado ao máximo, sob o risco de o sujeito perder-se no processo produtivo. A experiência subjetiva do tempo torna-se racionalizada, o que promove uma dimensão do prazer também racionalizada, quantificável e homogeneizada. Assim, a organização psíquica fica marcada pela destituição da alteridade, culminando em pobreza erótica e simbólica, característica da estrutura perversa. “Com isso a perversão se constitui como cardinal do sujeito na modernidade.” (Birman, 2007a, p. 268).

Diante dessas considerações, apresentemos o caso clínico proposto. Beto⁵ iniciou seu ciclo de internações em abrigos estaduais aos 9 anos de idade, pela prática de roubos e uso de drogas. Começou seus pequenos furtos de balinhas em supermercados e, posteriormente, após as atividades escolares, entrava nos estabelecimentos comerciais passando-se por um garotinho que estivesse andando sem qualquer intenção enquanto os pais faziam compras: “Eu tinha cara de anjo e as pessoas nem desconfiavam que aquele menino de cabelos enroladinhos, branquinho e com os livros na mão estava pegando coisas, dinheiro, sutilmente, na bolsa das mulheres que circulavam pelo supermercado.”

Em 2008, aos 15 anos, Beto foi levado pela polícia para o Centro de Internação para Adolescentes, dada a intensificação dessas práticas. A intenção da Justiça não era mais abrigá-lo, mas puni-lo por suas ações e fazê-lo reparar os danos causados. Era a sua primeira internação prolongada, tendo sido liberado depois de mais de 1 ano.

Ao final de 2009, aos 16 anos, retornou ao Centro de Internação por roubo de motos e envolvimento com o tráfico de drogas. Porém encontrava-se indignado com a decisão do Juiz. Para ele, sua vida estava bem: tinha lugar para morar,

⁵ Beto (nome fictício) obteve sua primeira internação em meados de dezembro de 2007. Antes disso, fora obrigado judicialmente a conviver em abrigos subsidiados pelo governo por danos à sociedade e ameaças à sua família. Iniciou seu atendimento em maio de 2008, sendo posto em liberdade em julho de 2008. Nesse primeiro período, realizou aproximadamente 10 sessões. Foi internado pela segunda vez, no Centro de Internação, em 16 de dezembro de 2008, por participação em tráfico de drogas e roubo de moto. Em 29 de junho de 2009, fugiu ao fazer uma apresentação artística fora da instituição. Foi novamente internado em 13 de julho de 2009, permanecendo no Centro até agosto de 2010, quando o Juiz da Infância e Juventude decretou sua liberdade. Os atendimentos que embasam esta pesquisa são referentes principalmente ao período de 19 de outubro de 2009 a 30 de abril de 2010, pois, neste período, houve maior sistematização do trabalho psicológico empreendido, com sessões regulares realizadas duas vezes por semana, num total de trinta sessões, com duração de 50 minutos. Os relatos das sessões se encontram formalizados no prontuário individual da instituição bem como nas anotações extras feitas ao término de cada uma delas, em material pessoal.

companheira, continuava próximo de sua mãe e havia parado de usar drogas definitivamente. Havia, sozinho, conseguido comprar alguns móveis e eletrodomésticos sofisticados para compor seu novo espaço. Antes, as condições de moradia de sua família lhe eram vergonhosas.

Iniciei os atendimentos com Beto, mas ele não queria dizer sobre o que havia acontecido. Acreditava estar certo e mantinha-se na postura intocável de que ninguém poderia ajudá-lo. Sequer queria algum tipo ajuda, pois já sabia muito bem o que queria. Até confessava que havia andado com uma moto roubada, mas e daí? Estava apenas seguindo o curso normal de sua vida e que o mundo lhe deixasse em paz para desfrutar calmamente de seu lugar ao sol: “Deixa a gente ficar quieto lá fora. O que interessa o que a gente faz... eu tava tranqüilo.”

Para Beto, sua mãe era sua maior companheira. Na maioria das sessões de atendimento, a figura da mãe e sua função de companheira apareciam no meio de suas aventuras e fugas. No final, era até sua heroína, pois o tirava das mais diferentes situações e passagens pelas delegacias. Ele admirava esse companheirismo e a cumplicidade de ambos. Certa vez, fora presa por causa de Beto, encontradas que foram drogas em sua casa: “Ela até fala que não vai fazer as coisas por mim, mas ela acaba fazendo.”

Em junho de 2009, tendo fugido da instituição, Beto cometeu o seu primeiro homicídio, matando a namorada. E, pela terceira vez, voltou ao Centro de Internação: “Não consegui me segurar... Ela também foi uma boba. Sabia que eu poderia fazer isso e sacanear dessa forma? Ela desacreditou de mim. Eu ia apenas dar um susto nela, mas na hora me deu tanta raiva que aconteceu o que aconteceu. Ela tentou pedir perdão pela traição, mas a matei.”

Ao descrever a cena desse assassinato, Beto demonstrava certo sorriso na boca, o que me colocou a dúvida de suas intenções:

Já disse que queria apenas assustá-la. Eu estava com muita raiva. Raiva demais. Eu sou cabeça fraca. Se tivesse alguém para me falar pra não matar, acho que não teria matado ela. Aquele pensamento que está aqui [aponta para a cabeça], acaba acontecendo. Eu estava com meu amigo e perguntei pra ele: eu mato ela? Ele disse apenas: você que sabe. Fiquei com dois pensamentos na hora, mas tinha que decidir. Foi quando ela me pediu perdão e me deu mais raiva ainda. Comecei a esfaqueá-la e ela gritava. A culpa foi dela, burra demais!

Diante do colapso simbólico, da perda do poder exercido frente à namorada, a violência foi o meio pelo qual Beto pôde silenciar sua impotência. O sorriso de Beto parecia significar o quanto a morte da namorada o deixara tranqüilo no sentido de ter descarregado, nos golpes da faca, uma força incontrolável que o perturbava. Com tudo planejado, havia apenas pequenas dúvidas. Posteriormente, ao falar do acontecido, não havia qualquer culpa em seu discurso. O único problema era voltar a ser internado e submetido ao controle da instituição. Esses fragmentos clínicos de Beto remetem-nos ao que Birman (2007a) acentua a respeito dos elementos que configuram o estilo perverso de ser: a impossibilidade da alteridade e sua posição narcísica diante dos outros sujeitos, aniquilando, inclusive, esse outro como sujeito constituído pela diferença ou mantendo-o sob seu controle.

A namorada de Beto tinha 15 anos quando resolveu morar com ele. Ele relatava que gostava de levar Graziela ao *shopping*, comprar-lhe roupas, enchê-la de

presentes, mas em troca exigia-lhe a condição de submissão às suas regras. A concepção de Beto sobre o feminino era a de que a mulher deve sempre estar pronta para as exigências do companheiro. Devia dar-lhe sexo, prestar contas de suas atividades cotidianas e aceitar, sem reclamar, suas saídas e aventuras sem ela. Não teria também de dar-lhe muita satisfação. Quando ela perguntava ou questionava suas demoras em voltar para casa, ele as encarava como uma chatice de sua parte, um ciúme idiota e não lhes dava importância. Caso ela insistisse na cobrança, ele esbravejava e saía novamente, relembrando-a do quanto estava sendo ingrata.

Por esse relato, percebe-se a perda da alteridade na posição subjetiva de Beto. Não importa a singularidade do desejo do outro, mas suas exigências devem ser realizadas. Essa destituição das diferenças pode ser percebida em seu discurso sobre o crime: o quanto o outro personagem é absolutamente culpado de sua própria morte, por ter sido “burra demais”. Sua justificativa para o assassinato da namorada repousa na concepção de que a mulher é naturalmente sedutora e deveria ser constantemente controlada. Já havia avisado a ela de sua capacidade de vingar-se, caso o traísse durante o período em que estivesse preso. Qualquer deslize por parte dela seria acertado depois.

Para Birman (2007a), o reconhecimento da diferença sexual é que garante a constituição do sujeito, e o registro de sua diferença com relação às outras subjetividades, a sua singularidade. “É insuportável para a individualidade perversa o fato de perder uma posição privilegiada no mundo, superior à de qualquer outro mortal, já que estaria munido das insígnias da falicidade resplandecente”. (p. 261).

Nesse caminho caracterizado por um estilo perverso de ser, Beto demonstrava pobreza simbólica diante de um jogo de imaginário em que conseguia

sobrepôr-se a tudo e a todos. Tornando-se seu próprio ideal, no narcisismo a referência era ele mesmo, acreditando-se onipotente para ultrapassar barreiras e aventurar-se. A dimensão do prazer em Beto estava sempre vinculada à violência ou à enganação. Da mesma forma que a dinâmica do trabalho na sociedade moderna produz uma temporalidade marcada pela extração do tempo, em seu processo de subjetivação o sujeito se encontra marcado por um prazer momentâneo, que precisa ser constantemente repetido sob o risco de perder um instante de prazer. Aqui se percebe, segundo Helsinger (1996), uma aceleração do tempo subjetivo e uma reposição monótona e apática diante da realidade.

A economia perversa estará profundamente ligada ao exercício de poder: “O exercício do poder supõe uma onipotência absoluta de quem o realiza e de quem a ele se submete e nele acredita” (Birman, 2007a, p. 263). Há homogeneização das individualidades e, nesse sentido, diminui a capacidade simbólica. Não houve a renúncia pulsional e a constituição do desejo fundado na alteridade, mas a recusa da castração.

O poder apresenta, assim, relações com a lei, à medida que esta regula as formas de poder. Diante disso, Birman (2007b) analisa como a lei será constitutiva da subjetividade. A lei se relaciona com o complexo de Édipo, que é nesse momento que os interditos e as permissões irão ser definidos, regulando a ordem humana e o desejo. O reconhecimento mútuo dessas leis vai possibilitar as trocas intersubjetivas, garantidas pela instância psíquica do superego e pela mediação do ideal do ego. É preciso que o narcisismo seja barrado em razão de um registro da alteridade, garantido pela castração simbólica e sua mediação pela linguagem. Assim, há a inscrição da lei no corpo do

sujeito. E é preciso compreender também a lei na sua relação com a justiça e as práticas sociais.

Focalizando a forma como as leis se dão no Brasil, Birman (2007b) afirma que elas têm estado dissociadas das práticas sociais de justiça. Elas estão mais ligadas às determinações de poder exercidas por uma tradição histórico-cultural marcada pelo escravagismo e patrimonialismo. Assim, no Brasil, ao invés de a lei funcionar na universalidade, para todos, ela está sob a regulação de normas e disciplinas arbitrárias pertencentes a determinados grupos de poder. E essa mesma forma de relação com a lei no campo social, político e econômico vai regular a internalização dos interditos mediados pela linguagem na constituição psíquica.

Creio que o funcionamento da sociedade brasileira nos permite perceber, de maneira privilegiada, o *intervalo* existente entre o registro simbólico da lei e o funcionamento normativo da justiça. Com efeito, o Brasil tem hoje uma das constituições mais avançadas do mundo, coisa para ninguém botar defeito, mas os princípios dessa constituição não funcionam nas práticas sociais de justiça. Podemos afirmar, sem pestanejar, que se trata de uma das sociedades mais injustas do mundo, não obstante a beleza formal de sua constituição, já que esta não funciona concretamente para instituir a justiça.” (Birman, 2007b, p. 281).

Não é por acaso que Beto acredita que as práticas sociais e sua subjetividade estão marcadas pelo dinheiro e pelo lucro, como ascensão ao poder e ao prazer. Existe nesse seu pensamento a demonstração de uma lacuna entre a lei simbólica

do complexo de Édipo, a renúncia pulsional e a lei de funcionamento da justiça: ao acreditar que a lei é marcada pelo lucro, Beto define ser o dinheiro a principal moeda de troca das relações entre os indivíduos. Não importam suas diferenças, contanto que sejam modulados pelo ter e não pelo ser. Assim, a prevalência do polo narcísico em Beto, a inexistência de alteridade, configurando um estilo perverso de ser, podem ser compreendidas na relação que mantêm com a organização social de poder e as possibilidades de satisfação das demandas pulsionais nesse contexto.

Se considerarmos a economia política dos bens e dos valores, no campo social, como o correlato, para o sujeito, da economia do gozo e do prazer, fica evidente, pois, que são as formas de existência das normas e dos dispositivos de poder no espaço social que agenciam as formas de ser da subjetividade. Com isso, o sujeito inscrito na trama complexa das relações intersubjetivas se inscreve, ao mesmo tempo, nos registros social, político e econômico, sendo impensável sua estrutura na exterioridade daquela trama. (Birman, 2007b, p. 283).

É nesse sentido que Birman (2007c) afirma que, na atualidade, o social oferece muito mais elementos para a formação de experiências narcísicas do que experiências que remetem à alteridade. A destituição dos valores ideais acaba intensificando ainda mais a experiência narcísica, e a lacuna entre as leis da justiça apontam para o retorno da violência cotidiana, como é o caso de Beto. A violência de que fez parte durante toda a sua infância e a busca de um gozo solitário desembocaram em um *imperativo de gozar* (Birman, 2007c, p. 298). Nessa condição, a violência acaba sendo uma forma de gozar ininterruptamente.

Diante do imperativo do gozo, a extração do tempo se faz patente, delimitando uma forma de temporalidade racionalizada pela burocracia e pela quantificação do processo produtivo na sociedade. Aprofundando essa questão no que se refere à perversão, Helsinger (1996) define a temporalidade na perversão. A estrutura perversa será definida por um gozo fálico, que deverá, a todo instante, ser provado, comprovado e imposto e exposto, em uma determinada montagem temporal, como em “uma máquina do tempo de gozo, gozando o tempo”(p. 41).

Para Beto, o dinheiro tornou-se o principal símbolo da atualidade, pois, com ele, conseguiu adquirir poder: “Não venha me dizer que não gosta de dinheiro! Ah! que isso! O dinheiro é que move o mundo e compra as pessoas, e até alguns sentimentos.” O dinheiro será, portanto, a mediação da dimensão do prazer em Beto. Acreditava que, sem ele, não conseguiria ter acesso aos bons lugares de lazer da cidade, não poderia comprar roupas de grifes famosas. Esses objetos de consumo eram-lhe necessários para a conquista de uma mulher, pois significavam poder. A marca exposta na estampa da camisa significava a quantidade de investimento financeiro que ele estava disposto a fazer em si mesmo e isso equivalia à quantidade de investimento narcísico que ele não estava disposto a deixar.

“Dinheiro fácil é que estou acostumado. Nunca trabalhei. Se trabalhasse não teria tido a metade do que tenho. Também não trabalharia em qualquer coisa”. Para Helsinger (1996), a expressão *tempo é dinheiro – time is money* – será convertida em “tempo é gozo!”. O tempo é colocado no jogo e jogado como um “dado viciado”, convertendo-se em uma a-temporalidade manifestada na “facilidade” de se conseguir dinheiro por meio de roubos ou tráfico de drogas. “Minha vida era uma

loucura! Direto alguém ligando no meu celular ou me chamando na porta pra comprar droga. O dinheiro vinha rápido. Qualquer hora era hora”.

O tempo do gozo e a gozação do tempo como componentes da estrutura perversa se entrelaçam às configurações urbanas, político-culturais da contemporaneidade. Conclui-se que Beto faz parte dessa constituição social em que a extração do tempo é oferecida no mercado, sendo a figura cardinal das lacunas entre a lei simbólica e as leis da justiça.

Para Birman (2007a), o excesso de auto-investimento narcísico ocorre quando há possibilidade de fragmentação corpórea e psíquica. Diante da traição, Beto se viu destituído de um poder que acreditava ter. Diante da impossibilidade de reconhecer a diferença e diante do abismo que feria sua condição narcísica, atuou pela via da violência, a qual, como apontado por Deleuze (1983), seria da ordem do não dito e posta em ação de forma a impossibilitar mediações simbólicas. O outro, que deveria ser sujeito da alteridade, passou a ser visto como apenas um corpo a ser apropriado e utilizado ao bel-prazer. Ao morrer, será apenas mais um. O que importa é continuar com o poder e convencer os que rodeiam de que este é o melhor, o único caminho para o prazer.

Ao propor, portanto, a compreensão do caso de Beto, estivemos interessados em suscitar a questão da perversão, sua forma particular de organização psíquica e as suas implicações para a cultura.

CONCLUSÃO

O percurso da pesquisa esteve centrado na proposta de discussão da perversão a partir da teoria psicanalítica. No recorte desse tema, definimos as bases para a compreensão da dimensão do prazer na estrutura perversa nas seguintes questões: que tipo de prazer se encontra fundado na economia libidinal perversa? Ele é específico da perversão? Em quais elementos esse prazer está fundado?

Nesse sentido, inicialmente buscou-se elucidar a descoberta da sexualidade infantil em Freud (1905/1981) e sua relação com a perversão. Nesse primeiro movimento da teoria freudiana, a perversão estava na composição da pulsão sexual e pôde vir a constituir as mais variadas manifestações humanas. Estudando a histeria em Dora, Freud (1901[1905] /1981) pôde demonstrar que, em sua neurose, estavam presentes fantasias perversas que foram recalçadas, instruindo-nos na questão de que a neurose se configura como defesa aos impulsos perversos. Até esse momento, a perversão se encontrava no desenvolvimento sexual, perdurando na fantasia. Contudo, para definirmos e diferenciar a neurose de uma organização perversa propriamente dita, fêz-se necessário percorrer um caminho cujo nóculo era o tema da castração.

Verificou-se, assim, que os elementos estruturais da perversão são a recusa da castração, da diferença sexual e o desafio à lei. Para Aulagnier (2003), antes mesmo da recusa da castração, a criança acha-se às voltas com outra recusa, mais primitiva, e que desemboca na da castração. É a recusa em não ser o objeto de prazer de sua mãe, em confrontar-se com o desejo materno em direção ao pai, em descobrir que é na genitalidade paterna que se encontra o desejo da mãe.

Se, por um lado, existe uma cumplicidade entre mãe e filho, por outro, o pai é anulado e permanece apenas idealizado. O Pai Idealizado, para o perverso, segundo (Rosolato, 1969), emerge na forma de uma lei onipotente diante do desejo. Talvez nisso se encontre o típico discurso de forte poder argumentativo que ele possui, tentando mostrar e comprovar que é a sua forma de prazer que merece ser vivenciada, que é livre de qualquer obstáculo, que não depende do outro, pois tudo pode.

A necessidade de manutenção narcísica na perversão revela, no entanto, uma condição de subjetivação na qual se busca conseguir o mínimo de apaziguamento diante da angústia do momento do horror à castração. Nessa cena, o olhar da confirmação da realidade da diferença sexual é forjado para não abdicar do que havia de mais precioso e prazeroso anteriormente. Seu engodo é a construção de um fetiche suficientemente capaz de ser destruído, sob o risco de ser novamente confrontado com a castração.

Porém, a fixação à cena do trauma permanece, mas revirada. A lei da diferença sexual será transformada em rituais de prazer. O prazer, portanto, se torna dependente de um contrato pré-estabelecido e rígido, envolvido por um segredo entre os parceiros que formam o casal perverso (Clavreul, 1969).

As intrincadas formas de prazer da estrutura perversa assinaladas pelo exibicionismo, voyeurismo, sadismo, masoquismo, são desmontadas e nos deparamos com esse núcleo estruturante, que são os mecanismos necessários ao reestabelecimento do laço com a realidade, mesmo que seja para transgredi-la novamente.

O gesto inaugural dessa transgressão da lei é justamente a recusa da castração. Dentro mesmo dessa cena, o perverso já intenta modificar a realidade conforme seu desejo. Freud (1924a/1981) aponta que o afastamento de uma parte da

realidade ou de quase sua totalidade acha-se em todas as organizações psíquicas, nessa tentativa de manter o prazer anterior e diminuir o estado de tensão. Na neurose, a tentativa é de afastar o ego de uma parte da realidade, enquanto, na psicose, busca-se emendar a relação com a realidade através do id. Na perversão, o afastamento da realidade se processará através de uma intensificação da libido do ego, no narcisismo, atrelado ao desafio dessa realidade.

Assim, utilizamos o mecanismo da paranóia através do caso Schreber (Freud, 1910[1911] /1981) e a erotomania (Perrier, 1969) para buscar as aproximações com a estrutura perversa, verificando que a recusa da castração também é utilizada como mecanismo em outras estruturas psíquicas.

A dimensão do prazer é, então, um caminho percorrido por todas as organizações psíquicas, com modificações que vão depender dos complexos desenvolvimentos pulsionais e suas mediações através de um trabalho psíquico específico. Na instauração do princípio de realidade, o pensamento como mediação tem um papel fundamental, o que não garante a dissolução do prazer, mas a possibilidade de seu adiamento (Freud, 1911/1981). Assim, a base para a compreensão da dimensão do prazer será mesmo a definição freudiana de que o prazer também faz parte do princípio de realidade e permanece como mantenedor do alívio da tensão pulsional.

Acrescentando-se ao postulado de Freud as articulações feitas por Aulagnier (1985) sobre os destinos do prazer, entende-se ser essa experiência fundamental para a estruturação do sujeito. Ele será delimitado pelos investimentos libidinais, tanto ao nível do Eu corpóreo quanto ao nível do Eu do outro. A constituição do eu ideal, do ego e do superego será delimitada pelas inscrições psíquicas no registro originário e no registro primário, a partir do processo de metabolização. O prazer, então,

manterá uma representação no psíquico a partir das primeiras experiências do bebê com seus cuidadores.

Na cena psicanalítica com o perverso, encontramos os meandros pelos quais este busca levar o analista a um jogo de palavras, que, para André (1995), já é em si um componente de sua atuação, na forma de um exibicionismo requintado. A solução não é rejeitá-lo para a empreitada da análise. Ao contrário, tendo o analista trabalhado psicanaliticamente suas fantasias em sua análise pessoal, sabe ele não se sentir ameaçado pelos desafios do perverso. Ao procurar um analista, este intenta algo, por certo tem alguma demanda.

Essas discussões foram possíveis através dos casos clínicos de autores que trabalham no campo da perversão e férteis para os desenvolvimentos da clínica psicanalítica. Os casos clínicos de Dany e Blaise expostos por André (1995) remontam questões fundamentais: as configurações edípicas na constituição do desejo e a transferência perversa.

A proposta de análise de casos clínicos para a compreensão das configurações psíquicas na psicanálise trouxe para a discussão dois casos atendidos no Centro de Internação para Adolescentes em conflito com a lei na cidade de Goiânia. Delimitados por um tempo específico de atendimento, esses casos provocaram indagações a respeito do fazer psicanalítico diante da impostura perversa. Marcelo não queria saber do nada. Acreditava estar certo de seu desejo. Manipular, mentir e seduzir faziam parte de seu jogo, buscando persuadir-me para que o olhasse com os olhos admirados e fascinados de um *voyeur*. Já Beto, este era exemplar em defender sua posição narcisista a partir da justificativa da injustiça social. Seus roubos e a morte da namorada eram apenas mais um crime que cometera. Enquanto ele estava ali, tantos

outros assassinatos estariam acontecendo sem que ninguém sequer questionasse. Afinal, para ele, quem morre é um fraco, um “burro” que não soube lidar com as artimanhas do poder.

Enfim, ao término da pesquisa, verificou-se que a dimensão do prazer na perversão está marcada por configurações psíquicas próprias diante do desenvolvimento da sexualidade. Mesmo com suas diferentes formas de manifestação, como no masoquismo, com a suspensão do tempo para prolongar a dor até chegar ao prazer, e, no sadismo, com a aceleração desse tempo para não se desviar nem um minuto da realização da violência contra a vítima, a estrutura perversa se define por uma base comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- André, S. (1995). *A impostura perversa*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Aulagnier S., P. (1969). Observações sobre a feminilidade e seus avatares. Em Aulagnier, S., P., Clavreul, J., Perrier, F., Rosolato, G. & Valabrega, J-P. *O desejo e a perversão* (pp. 57-94). São Paulo: Moraes.
- Aulagnier S., P. (1985). *Os destinos do prazer: alienação, amor, paixão*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Aulagnier-Spairani, P. (2003). A perversão como estrutura. Em *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, VI, 3, 43-69.
- Birman, J. (2007a). A racionalidade do tempo nos impasses do sujeito: sobre a perversão, o poder e a temporalidade. Em *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (pp. 253-270) (6ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2007b). A economia do gozo e os impasses da justiça. Uma leitura psicanalítica da justiça. Em *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (pp. 271-287) (6ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2007c). A derrota da intolerância?! Em *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (pp. 289-300) (6ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Celes, L. A. M. (1995a). *Sexualidade e Subjetivação: um estudo do caso Dora*. Brasília: UnB.

- Celes, L. A. M. (1995b). A angústia e suas relações com o princípio de prazer. Em *Revista Percurso*, 14, 37-44.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1991). *Ética e estética da perversão*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Clavreul, J. (1969). O casal perverso. Em Aulagnier-Spairani, P., Clavreul, J., Perrier, F., Rosolato, G., Valabrega, J-P. *O desejo e a perversão* (pp. 95-129). Rio de Janeiro: Moraes.
- Deleuze, G. (1983). *Apresentação de Sacher-Masoch. O frio e o cruel*. Rio de Janeiro: Taurus.
- Foucault, M. (2007). *História da Sexualidade 2. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- Ferraz, F. C. (2005). *Tempo e Ato na Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1901[1905] /1981). Analisis fragmentario de una histeria. (“Caso Dora”). Em *Obras Completas* (pp. 933-1002). Madri: Biblioteca Nueva, tomo I.
- Freud, S. (1905/1981). Tres ensayos para una teoria sexual. Em *Obras Completas* (pp. 1169-1237). Madri: Biblioteca Nueva, tomo II.
- Freud, S. (1908/1981). Teorias sexuales infantiles. Em *Obras Completas* (pp. 1262-1271). Madri: Biblioteca Nueva, tomo II.
- Freud, S. (1910[1911] /1981). Observaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranóia (“Dementia Paranoides”) autobiograficamente descrito – Caso “Schreber”. Em *Obras Completas* (pp. 1486-1528). Madri: Biblioteca Nueva, tomo II.
- Freud, S. (1910-1911(1911) /1981). Los dos principios del funcionamiento mental. Em *Obras Completas* (pp. 1638-1642). Madri: Biblioteca Nueva, tomo II.

- Freud, S. (1914a/1981). Recuerdo, repetición y elaboración. Em *Obras Completas* (pp. 1682-1688). Madri: Biblioteca Nueva, tomo II.
- Freud, S. (1914b/1981). Indroducción al narcisismo. Em *Obras Completas* (pp. 2017-2033). Madri: Biblioteca Nueva, tomo II.
- Freud, S. (1915/1981). Los instintos y sus destinos. Em *Obras Completas* (pp. 2039-2052). Madri: Biblioteca Nueva, tomo II.
- Freud, S. (1919/1981). Pegan a um niño. Aportación al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. Em *Obras Completas* (pp. 2465-2480). Madri: Biblioteca Nueva, tomo III.
- Freud, S. (1923/1981). El “yo” y el “ello”. Em *Obras Completas* (pp. 2701-2728). Madri: Biblioteca Nueva, tomo III.
- Freud, S. (1924a/1981). La pérdida de la realidad en la neurosis y en la psicosis. Em *Obras Completas* (pp. 2745-2747). Madri: Biblioteca Nueva, tomo III.
- Freud, S. (1924b/1981). La disolución del complejo de Edipo. Em *Obras Completas* (pp. 2748-2751). Madri: Biblioteca Nueva, tomo III.
- Freud, S. (1927/1981). Fetichismo. Em *Obras Completas* (pp. 2993-2996). Madri: Biblioteca Nueva, tomo III.
- Freud, S. (1929[1930] /1981). El malestar en la cultura. Em *Obras Completas* (pp. 3017-3067). Madri: Biblioteca Nueva, tomo III.
- Freud, S. (1938[1940] /1981). Escision del “yo” en el proceso de defensa. Em *Obras Completas* (pp. 3375-3377). Madri: Biblioteca Nueva, tomo III.
- Helsing, L. A. (1996). *O Tempo do Gozo e a Gozação. A temporalidade na perversão*. Rio de Janeiro: Revan.

- Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In: Herrman, F. e Lowenkron, T. (orgs.). *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Laplanche, J. e Pontalis, J-B. (2008). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- McDougall, J. (1992). A Neo-Sexualidade em Cena. Em *Teatros do EU* (pp. 190-201). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Perrier, F. (1969). Sobre a erotomania. Em Aulagnier, S., P., Clavreul, J., Perrier, F., Rosolato, G. & Valabrega, J-P. *O desejo e a perversão* (pp. 131-167). São Paulo: Moraes.
- Rosolato, G. Estudo das perversões sexuais a partir do fetichismo. Em Aulagnier, S., P., Clavreul, J., Perrier, F., Rosolato, G. & Valabrega, J-P. *O desejo e a perversão* (pp. 09-56). São Paulo: Moraes.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, E. (2008). *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos* (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Sade, M. (1785/2006). *Os 120 Dias de Sodoma*. São Paulo: Iluminuras.